



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA -
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA
AMÉRICA LATINA**

AUSÊNCIAS SENTIDAS:

As dinâmicas das jornadas de trabalho e a invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado no cotidiano de mulheres na fronteira de Foz do Iguaçu/PR

MARIA EDUARDA BALBINOT FURTADO

Foz do Iguaçu - PR
2022



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)

CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA -
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA
AMÉRICA LATINA

AUSÊNCIAS SENTIDAS:

As dinâmicas das jornadas de trabalho e a invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado no cotidiano de mulheres na fronteira de Foz do Iguaçu/PR

MARIA EDUARDA BALBINOT FURTADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia - Sociedade, Estado e Política na América Latina.

Orientadora: Profa. Dra. Élen Cristiane Schneider

Foz do Iguaçu - PR
2022

MARIA EDUARDA BALBINOT FURTADO**AUSÊNCIAS SENTIDAS:**

As dinâmicas das jornadas de trabalho e a invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado no cotidiano de mulheres na fronteira de Foz do Iguaçu/PR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia - Sociedade, Estado e Política na América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Élen Cristiane Schneider

UNILA

Prof. Dra. Renata Peixoto de Oliveira

UNILA

Prof. Dra. Viviane da Silva Araujo

UNILA

Foz do Iguaçu, 20 de Dezembro de 2022.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Maria Eduarda Balbinot Furtado

Curso: Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina

Tipo de Documento

- | | |
|---|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> graduação <input type="checkbox"/> especialização <input type="checkbox"/> mestrado <input type="checkbox"/> doutorado | <input type="checkbox"/> artigo <input type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso <input type="checkbox"/> monografia <input type="checkbox"/> dissertação <input type="checkbox"/> tese <input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais <input type="checkbox"/> _____ |
|---|--|

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública [Creative Commons Licença 3.0 Unported](#).

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

_____ Assinatura do Responsável

AGRADECIMENTOS

Agradeço as quatro mulheres, que mesmo dentro de suas próprias ausências, fazem parte de quem sou: minha mãe, minha avó, minha irmã e minha tia. É por todo apoio e esforço de vocês que sempre tento fazer do mundo um lugar mais habitável. À minha mãe, Jéssica, obrigada por tanto. Pelo cuidado, carinho, amor e incentivo depositados em mim em todos os momentos da minha vida. Parte de quem sou, é porque você conseguiu ser. E eu agradeço. Minha avó, Helena, que cuidou de todas nós e que segue cuidando. Tantas perdas, faltas e ausências e ainda assim, você sempre foi amparo, apoio e carinho, dentro de suas próprias possibilidades, é presença forte em minha vida, obrigada. À minha irmã, Ferzinha, graças às deusas você existe. Você me ensina, me inspira e me atravessa de tantas formas, toda cumplicidade e todo amor que a gente compartilha, as inquietudes, as felicidades, as dores e os sentires, *gracias hermanita*. Minha tia, Dirce, todo o cuidado e os ensinamentos que você me deu ao longo da vida estarão comigo sempre. Obrigada por todo apoio e amparo por todos esses anos, por acreditar em mim e por fazer possível.

A João & Rodrigo, agradeço por terem sido muito mais que casa nesses anos de graduação. Dividir a vida na fronteira com vocês é muito bom. Obrigada ainda é pouco para tudo que vocês fizeram e fazem por mim nesses últimos anos. Agradeço a jornada, os tererês com burrito, as risadas, os choros, as angústias e os carinhos na cachorra compartilhados. *La yegros* tocando pela manhã num sábado aconchegante sempre vai ser parte dessas memórias. Obrigada. Joãozinho, *gracias* por ter me emprestado/apresentado o livro que compôs o trecho da epígrafe. *A mulher submersa*, de Mar Becker, atravessou a construção desse trabalho e a mim de muitas formas. Obrigada.

À Vic, todo amor e todo afeto. Agradeço todo o carinho que você teve comigo no caminhar do processo desse trabalho. Mesmo os intermináveis dias de escrita, ficaram melhores quando, no fim dele, estávamos juntas. Você construiu e reorganizou várias coisas aqui dentro, obrigada por ser aconchego, amor e ternura. Teus *ojitos* toda vez que me *miran*, me enchem de esperança, amor & rebeldia. Obrigada por todo companheirismo nesses anos, amo você.

Agradeço às minhas amigas, que sempre estiveram presentes, mesmo de longe, Josi e Aline. Vocês são parte especial da minha construção enquanto socióloga, e é lindo compartilhar a vida, o amor, as dores e as aflições com vocês.

Agradeço também *las nenas* que a graduação me trouxe, que tornaram esse processo menos solitário, mais afetuoso e mais feminista. Compartilhar as inquietudes, angústias, processos, amor e companhia com vocês fizeram o espaço universitário ser menos doloroso. Day, Vale, Maria Belén, Nati, Paula e Karen, os fins de tarde no gramado depois das aulas sempre foi um dos meus momentos preferidos no dia, e é porque vocês estavam lá. Gracias! Agradeço também *mis amigas*, que a fronteira cruzou nossos caminhos e permanecemos: Dani, Marce, Cleise, Ana, Thamara, Layra, Mayara, Ingrid, Juli, Nina, Tato e Gui.

À Élen, minha orientadora, que me ensinou que a raiva, o ódio e a indignação são instrumentos de despatriarcalização. Que todo o caos pode ser um lugar habitável. Que sociologia e educação se ensinam nas nossas práticas cotidianas. Que é na dor que a gente se encontra. Agradeço a sua não-ausência na vida de tantas. Todo apoio, incentivo e orientação me atravessaram de muitas formas, obrigada por ter acreditado em mim e nesse trabalho.

A UNILA e seu projeto de integração, que me trouxeram para estas *tierras coloradas* fronteiriças, e que fizeram parte da minha formação latinoamericanista, muito obrigada. Saio daqui outra. Esse projeto transforma vidas, seguimos sempre em luta pela educação pública, gratuita e de qualidade.

Agradeço às professoras Viviane e Renata, por aceitarem contribuir com esse trabalho da melhor forma. A presença de vocês na banca é especial.

Agradeço também a todas as mulheres, que de alguma forma, fizeram parte para a construção desse TCC. As que aceitaram serem fotografadas em suas dinâmicas de trabalho, que partilharam um pouquinho da vida para que todas as ausências fossem sentidas e descritas aqui. Todas vocês, muito obrigada.

*mulher vinda da ausência de outra, da ausência da história de outra.
mulher vinda de uma não-mulher.*

*de um não-corpo
de uma não-voz*

[mar becker]



FURTADO, Maria Eduarda Balbinot. **AUSÊNCIAS SENTIDAS: As dinâmicas das jornadas de trabalho e a invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado no cotidiano de mulheres na fronteira de Foz do Iguaçu/PR.** 2022. 96 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Este trabalho trata sobre as dinâmicas das jornadas de trabalho e a invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado no cotidiano de mulheres na fronteira de Foz do Iguaçu/PR, e como refletem nas relações sociais desiguais geradas pelo capitalismo e pelo patriarcado. Evidenciando através de uma revisão bibliográfica e de trabalho de campo realizado a partir de construção de uma série de fotografias e de entrevistas etnográficas como é a rotina e as dinâmicas das múltiplas jornadas de trabalho. O objetivo é entender quais são as dinâmicas a que as mulheres são submetidas em suas jornadas de trabalho, com foco no trabalho doméstico não-remunerado e no trabalho do cuidado. Debatendo com conceitos de divisão sexual.racial.social do trabalho e os desdobramentos como jornadas de trabalho e o trabalho doméstico não-remunerado, trabalho reprodutivo, economia do cuidado e as diferentes formas de ausência que sentimos e observamos dentro desses processos. Considerando também a pandemia de COVID-19, que impactou as dinâmicas do trabalho doméstico nos lares, o que já era sobrecarregado, ficou ainda mais. Desta forma, utilizando de autoras como Silvia Federici, Ochy Curiel, Helena Hirata, Danièle Kergoat, entre outras, é possível analisar as dinâmicas das quais as mulheres na fronteira – mas não só, são sujeitadas a invisibilização e ausências, mesmo sendo presença chave nas relações de múltiplas jornadas de trabalho.

Palavras-chave: trabalho doméstico não-remunerado; múltiplas jornadas; ausências-sentidas; fronteira; economia do cuidado.

RESUMEN

Este trabajo discute la dinámica de las jornadas de trabajo y la invisibilización del trabajo doméstico no remunerado en la vida cotidiana de las mujeres en la frontera de Foz do Iguaçu/PR, y cómo reflejan las relaciones sociales desiguales generadas por el capitalismo y el patriarcado. Mediante una revisión bibliográfica y un trabajo de campo realizado a través de la construcción de una serie de fotografías y entrevistas etnográficas, muestra la rutina y la dinámica de las múltiples jornadas laborales. El objetivo es comprender cuáles son estas jornadas que las mujeres experimentan en su dinámica de vida cotidiana, centrándose en el trabajo doméstico no remunerado y el trabajo de cuidados. Debatir con los conceptos de división sexual.racial.social del trabajo y los desdoblamientos como la jornada laboral y el trabajo doméstico no remunerado, el trabajo reproductivo, la economía del cuidado y las diferentes formas de ausencia que sentimos y observamos dentro de estos procesos. Teniendo en cuenta también la pandemia de COVID-19, que repercutió en la dinámica del trabajo doméstico en los hogares, lo que ya era una carga se hizo aún mayor. De este modo, a partir de autoras como Silvia Federici, Ochy Curiel, Helena Hirata, Danièle Kergoat, entre otras, es posible analizar las dinámicas por las que las mujeres de la frontera - pero no sólo ellas - son sometidas a la invisibilización y a la ausencia, a pesar de ser una presencia clave en las relaciones de las múltiples jornadas de trabajo.

Palabras-clave: trabajo doméstico no remunerado; múltiples jornadas; ausencias sentidas; frontera; economía del cuidado.

ABSTRACT

This research focuses on the dynamics of working days and the invisibilization of unpaid domestic work in the daily lives of women on the border of Foz do Iguaçu/PR, and how they reflect the unequal social relations generated by capitalism and patriarchy. Evidencing through a literature review and fieldwork carried out by building a series of photographs and ethnographic interviews how the routine and the dynamics of the multiple workdays are. The objective is to understand what these journeys are that women undergo in their daily life dynamics, with a focus on unpaid domestic work and care work. Debating with concepts of sexual.racial.social division of labor and the unfolding such as work journeys and unpaid domestic work, reproductive work, care economy and the different forms of absence that we feel and observe within these processes. Considering also the COVID-19 pandemic, which impacted the dynamics of domestic work in households, what was already overloaded became even more so. In this way, using authors such as Silvia Federici, Ochy Curiel, Helena Hirata, Danièle Kergoat, among others, it is possible to analyze the dynamics of which women at the border – but not only them – are subjected to invisibilization and absence, even though they are a key presence in the relations of multiple workdays.

Key-words: unpaid domestic work; multiple working hours; felt-absence; border; economy of care.

LISTAS DE FOTOGRAFIAS

| | |
|---|----|
| Fotografia 1 - brotar..... | 14 |
| Fotografia 2 - fronteira..... | 47 |
| Fotografia 3 - a.u.s.ê.n.c.i.a..... | 55 |
| Fotografia 4 - passo por aqui todos os dias, e não me lembro dela..... | 56 |
| Fotografia 5 - retratos de família..... | 58 |
| Fotografia 6 - incômodo..... | 59 |
| Fotografia 7 - não-comparecimento..... | 60 |
| Fotografia 8 - falta..... | 61 |
| Fotografia 9 - fluidez..... | 62 |
| Fotografia 10 - permanência..... | 63 |
| Fotografia 11 - ato de acompanhar..... | 64 |
| Fotografia 12 - quem ou o que acompanha..... | 66 |
| Fotografia 13 - efeito de companhia..... | 66 |
| Fotografia 14 - passageira. substantivo feminino..... | 67 |
| Fotografia 15 - parada.pausa..... | 69 |
| Fotografia 16 - percorrer..... | 69 |
| Fotografia 17 - cuidado..... | 70 |
| Fotografia 18 - transitórias..... | 71 |
| Fotografia 19 - transitar & cruzar..... | 72 |
| Fotografia 20 - espera..... | 73 |
| Fotografia 21 - antes que históricas..... | 74 |
| Fotografia 22 - históricas..... | 74 |
| Fotografia 23 - por nuestros territorios..... | 76 |
| Fotografia 24 - ato ou efeito de manter(-se)..... | 77 |
| Fotografia 25 - instrumento..... | 78 |
| Fotografia 26 – cortar..... | 79 |
| Fotografia 27 - reflexo da invisibilização..... | 80 |
| Fotografia 28 - mãos que pintam..... | 82 |
| Fotografia 29 - camaleões..... | 83 |
| Fotografia 30 - linhas..... | 84 |
| Fotografia 31 - las manos de mi madre..... | 85 |
| Fotografia 32 - viva nos queremos..... | 87 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| CEPAL | Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe |
| DIEESE | Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ONDH | Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua |
| SOF | Sempreviva Organização Feminista |
| UNILA | Universidade Federal da Integração Latino-Americana |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 2. AS JORNADAS DE TRABALHO E AS OPRESSÕES | 20 |
| 2.1 AS MÚLTIPLAS JORNADAS DE TRABALHO | 21 |
| 2.2 DIVISÃO SEXUAL RACIAL SOCIAL DO TRABALHO COMO FORMA DE NATURALIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES | 27 |
| 3. FRONTEIRAS ENTRE O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO-REMUNERADO E O TRABALHO REMUNERADO | 35 |
| 3.1 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO-REMUNERADO E A INVISIBILIZAÇÃO SOCIAL | 36 |
| 3.2 ECONOMIA DO CUIDADO | 43 |
| 3.3 ESPECIFICIDADES DE UMA CIDADE DE FRONTEIRA - FOZ DO IGUAÇU/PR | 47 |
| 4. AUSÊNCIAS-SENTIDAS & AS DINÂMICAS COTIDIANAS DAS JORNADAS DE TRABALHO | 50 |
| 4.1 AUSÊNCIA | 55 |
| 4.2 PRESENÇA | 62 |
| 4.3 MÃOS COMO FERRAMENTA | 77 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 87 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 88 |

INTRODUÇÃO

A construção desse trabalho é reflexo dos meus quatro anos de graduação, de leituras, de aulas, de seminários, de professoras e professores que passaram pela minha caminhada na universidade. São inquietudes, questionamentos, revoltas e aprendizagem, advindos de muitas discussões e de ter estudado na universidade mais internacional do país. Foram quatro anos de imersão da América Latina e suas questões sociais e políticas, debatendo sobre gênero, trabalho, feminismo e muita sociologia. Esse trabalho é também um puxadinho do que sou: mulher que ama outras mulheres, fotógrafa, artista e observadora. Construir ele foi um processo complexo, difícil, mas também satisfatório, de poder escrever todos esses anos de inquietações e revisitando bibliografias, me questionando e re-questionando, lidando com minhas próprias incoerências e sentindo tudo que posso.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

brotar, 2022

Fotografia digital & desenho digital

E a partir disso, na escolha do tema deste Trabalho de Conclusão de Curso, escolhi diferentes abordagens para tratar sobre as múltiplas jornadas de trabalho a que as mulheres são submetidas e suas dinâmicas na vida cotidiana, com foco no trabalho doméstico não-remunerado e o trabalho do cuidado. Utilizei de distintos

vieses sobre o conceito da divisão sexual.racial.social do trabalho e seus desdobramentos, como as jornadas de trabalho e o trabalho doméstico não-pago, o trabalho reprodutivo, economia do cuidado e as diferentes formas ausência que podemos sentir e observar dentro desses processos. Partindo da teoria, também utilizei recursos da sociologia visual para produzir fotografias das dinâmicas da vida cotidiana de mulheres trabalhadoras na fronteira realizando saídas de campo para fotografar o cotidiano de uma cidade fronteiriça, e terminando com uma entrevista etnográfica (GUBER, 2004) com duas mulheres que trabalham com as mãos como principal forma de ferramenta de trabalho.

A partir da divisão sexual.racial.social do trabalho, busco compreender os espaços destinados à mulheres dentro da lógica do capital, e entender as dinâmicas das múltiplas jornadas de trabalho que as mulheres enfrentam. Também, procuro questionar qual o espaço que o trabalho doméstico não-remunerado ocupa dentro da lógica das jornadas de trabalho, e na tentativa de romper com os binarismos de gênero que categorizam a divisão sexual do trabalho. Problematizarei também pela invisibilização social que o trabalho doméstico não-remunerado enfrenta e seus impactos na sociedade contemporânea, especificamente no contexto de uma cidade fronteiriça (Foz do Iguaçu/PR).

Para tratar as ausências-sentidas, fiz uma série de fotografias que foi dividida em três: ausência, presença e mãos como ferramenta. A criação deste capítulo é resultado de saídas de campo e processos de reflexão e descrição das imagens que trazem para o visual as dinâmicas do dia-a-dia de uma cidade de fronteira, as ausências de mulheres em espaços, seja marcado por uma não-presença, ou por uma presença invisibilizada, e por último, as mãos como ferramenta. Dentro do trabalho doméstico e do cuidado, é também um trabalho manual, são mãos de mulheres que carregam histórias, marcas, memórias de anos de reprodução social. A ideia foi entrevistar duas mulheres, que além do trabalho doméstico não-remunerado e o trabalho do cuidado, também trabalhassem com as mãos em seus trabalhos produtivos.

Dentro do sistema capitalista e patriarcal, as mulheres são destinadas ao trabalho do cuidado, do afeto, do doméstico e da reprodução, para garantir que as pessoas com quem coabitam/vivem/familiares estejam prontos para trabalhar fora de casa nos mais diversos tipos de trabalho assalariado. A divisão sexual do trabalho já nos colocou nessa posição de prover o cuidado da casa como algo natural e biológico

da nossa existência enquanto mulher, e é uma forma de naturalização das desigualdades de gênero (FEDERICI, 2019).

O trabalho não-remunerado tem um caráter invisível —porque é invisibilizado, muitas vezes não é encarado como um trabalho propriamente dito, e sim como algo destinado à mulheres com a justificativa biológica de que o cuidado e o amor são sobre isso: manter a casa organizada, limpa, cozinhar, cuidar dos filhos, e manter a reprodução de mão de obra para o capital. Algumas discussões feministas marxistas, como a de Silvia Federici em seus livros “Patriarcado do salário” e “Ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista” apontam que é justamente pela ausência de um salário que esse trabalho não é dimensionado dentro da esfera social e apenas encarado como atos de amor e cuidado (FEDERICI, 2019).

A viabilização de salários para esse trabalho é uma forma de torná-lo visível dentro da esfera de produção capitalista e para a sociedade. É também, uma forma de assegurar que esse espaço não seja uma pré-determinação sexual e nem um espaço que esperam que mulheres ocupem. Há séculos o capitalismo se beneficia com o trabalho não-remunerado das mulheres e estrutura a manutenção deste espaço como um lugar feminino de cuidado e de reprodução.

A pandemia da COVID-19 (2020 – ainda em curso) impactou a dinâmica do trabalho doméstico não-remunerado nos lares, trazendo mais sobrecarga e aumentando ainda mais as jornadas de trabalho das mulheres. A rotina da quarentena, do home office, das escolas e creches fechadas fez crescer significativamente a sobrecarga e o trabalho do cuidado. A dimensão das jornadas de trabalho das mulheres é ampla, porque ela passa do doméstico ao afetivo-sexual, desde o trabalho assalariado fora de casa ao trabalho reprodutivo. A jornada de trabalho doméstica envolve os cuidados da casa, como a cozinha, limpeza, lavar-passar roupas, o cuidado das crianças, e etc.

O trabalho assalariado acontece, muitas vezes, no espaço público e é considerado um trabalho produtivo, porque gera um tipo de valor econômico – salário. Essas duas jornadas são vistas como coisas opostas, enquanto a assalariada é vista como um trabalho, a doméstica sequer é vista, sendo romantizada e inviabilizada. Articulado então, o possível impacto na vida dessas mulheres frente a desvalorização e invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado e teorizando com a forma que o capitalismo se beneficia com a manutenção das mulheres no

espaço doméstico. Assim, estou constantemente questionando: e se as mulheres não fizessem mais o trabalho doméstico?

Partindo desses questionamentos e outras inquietudes, a pergunta que essa pesquisa se propõe a responder é: Quais as dinâmicas cotidianas das jornadas de trabalho de mulheres trabalhadoras da fronteira Brasil x Paraguay (Foz do Iguaçu e Ciudad del Este) em especial quando se trata do trabalho doméstico não-remunerado?

Para respondê-la, partindo de todo aparato teórico das bibliografias pesquisadas sobre os conceitos já apresentados, e utilizando da sociologia da fotografia e da imagem, a produção de fotografias das dinâmicas das mulheres na fronteira servirá de base para a documentação da vida cotidiana de mulheres trabalhando ou em deslocamento. Preencher os espaços de ausência que as múltiplas jornadas de trabalho abrem e não conseguem fechar trazendo para o visível da fotografia. Já que é o caráter da invisibilização que sustenta toda essa economia do cuidado faz com que essas mulheres também não se vejam como parte, porque o cuidado é tanto, que não sobra tempo – nem disposição, nem vontade, para que elas cuidem de si próprias. E o cuidado aqui, muitas vezes vem de coletivo, das redes de apoio, da ajuda e de cuidarmos umas das outras.

Por meio de estudo bibliográfico, trazendo conceitos e teorias, acompanhado de registros fotográficos e uma entrevista etnográfica (GUBER, 2004), compreender as dinâmicas de fronteira e como as jornadas de trabalho atravessam a vida de muitas formas, como o trabalho doméstico também determina o trabalho remunerado para muitas. As fotos servirão para tornar o fenômeno visível, trazer a realidade das dinâmicas da vida cotidiana das mulheres para a fotografia, e observar pontos como: quais os espaços em que elas estão, qual é a atuação delas nesses espaços, quem são as companhias, quais são as dinâmicas de mobilidade e de rotina, quais os espaços em que elas estão ausentes ou que não são vistas, e por último, as mãos do trabalho doméstico não remunerado.

Retratar, com uma mirada sensível o documental da vida cotidiana da fronteira e o íntimo da ausência-sentida, considerando toda a especificidade que uma cidade fronteiriça apresenta, para então, apresentar as dificuldades da invisibilização social e a sobrecarga que as múltiplas jornadas de trabalho causam nessas mulheres.

Para além da pergunta de pesquisa, outros questionamentos e impactos da vida cotidiana nas relações de trabalho também fazem parte da construção desse

trabalho. Entender como a invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado causa problemas estruturais de desigualdade de gênero, entender a dinâmica de uma cidade fronteiriça na relação das múltiplas jornadas, e também como a pandemia da COVID-19 atravessou muitos aspectos da vida cotidiana das mulheres em seus trabalhos produtivos e reprodutivos.

A motivação para escolher esse tema e produzir esse trabalho é a potência e a urgência que ele carrega consigo. O trabalho doméstico não pago está presente em várias camadas sociais e atinge diretamente diversas mulheres que são indivíduos na manutenção do capital e da lógica da construção do trabalho na sociedade e no meio em que vivem.

Nos últimos dois anos vivenciamos uma pandemia de COVID-19 que causou impactos profundos na nossa forma de organização social, mas principalmente trouxe novas perspectivas em cima do trabalho doméstico; adquiriu uma nova carga, uma nova face durante a pandemia devido a quarentena, que nos impôs atividades mais intensas, maior sobrecarga do trabalho de casa, do cuidado, da maternidade. Fez, ainda, com que muitas mulheres que trabalhavam fora de casa precisassem estar ainda mais disponíveis para o doméstico, para os filhos, para o marido e para a família.

Então, tratar das dinâmicas das jornadas de trabalho é importante e atual, produzindo também um trabalho visual para tratar da expressão do visível em fotografias. Entendo que é necessário resgatar o invisível da face do trabalho doméstico para que então, possa entrar nas relações de trabalho propostas pelo marxismo e os caminhos a serem seguidos a partir da necessidade dessas sujeitas nessa relação fronteiriça, onde o trabalho tem um caráter diferenciado. Na dinâmica de fronteira, o trabalho é mais precarizado, superexplorado, informal e invisível, apresentando novas formas de mirar o fenômeno por e para todas as mulheres.

Neste trabalho utilizo o método de pesquisa experimental, acompanhado de pesquisa bibliográfica e a documental, pois trabalharei em registrar fotografias para tratar o fenômeno do trabalho não-pago e a invisibilização social que as sujeitas enfrentam, e com entrevistas etnográficas. Para trabalhar com os conceitos e teorias para tratar a realidade e o social trazendo para o visual da fotografia e toda sua capacidade de [re]interpretações.

A fotografia aqui será utilizada em seu potencial de representação social e como instrumento analítico na Sociologia Visual, construindo uma simbiose com a

pesquisa realizada. A imagem tem um potencial inexplorado nas ciências sociais que pode ser assumida em um poderoso instrumento metodológico. A metodologia também será o registro do não dito, de Silvia Rivera Cusicanqui, em sua obra “Sociologia da Imagem”, que a autora entende que as imagens nos oferecem diversas narrativas sociais e interpretações que ajudam a nossa compreensão crítica da realidade, e que a imagem e a palavra fazem parte de metodologias e práticas pedagógicas (CUSICANQUI, 2018).

Para o objeto empírico, decidi delimitar o espaço na região da tríplice fronteira, especificamente a cidade de Foz do Iguaçu e as sujeitas pertencentes a esse espaço, que também são incluídas em dinâmicas fronteiriças. O tempo determinado será a pandemia de COVID-19 que se iniciou em 2020 e ainda segue em curso, ela causou impactos recentes e expressivos nas relações de trabalho.

2. AS JORNADAS DE TRABALHO E AS OPRESSÕES

As jornadas de trabalho, dentro da organização capitalista do trabalho, é o tempo/período estabelecido em que o funcionário esteja à disposição do empregador, o tempo estabelecido para exercer seu trabalho. Quando mudamos a ótica da análise para as mulheres trabalhadoras, elas são atravessadas não apenas por uma, mas por múltiplas jornadas de trabalho. Para além das jornadas de trabalho produtivo assalariado, elas estão à frente da organização da vida, sendo assim atravessadas por múltiplas jornadas, já que são elas que são responsáveis pelo trabalho doméstico não-remunerado. Ao longo deste capítulo, trabalharemos também as outras jornadas que compõem a multiplicidade da sobrecarga feminina e jornadas que não chegam a ser contabilizadas.

As jornadas de trabalho, por si só, já são bastante cansativas as/aos trabalhadoras/res, que chegam no fim do dia esgotadas. Mas para as mulheres, chegar em casa após um dia de trabalho significa ter mais trabalho, mais responsabilidades e menos descanso. São elas que dedicam as maiores horas semanais em atividades domésticas e do cuidado de pessoas, em média, são 18,5 horas semanais¹. As múltiplas jornadas de trabalho atravessam a vida cotidiana de milhares de mulheres de muitas formas, que até mesmo o descanso, o lazer, o prazer é deixado de lado. Já que a sobrecarga é tanta que não deixa tempo para outra coisa, senão, estar à frente de todo o trabalho doméstico não-remunerado. As cansativas jornadas de trabalho, faz com que mulheres sejam deixadas de fora dos espaços de descanso e lazer, elas vivenciam e sentem a própria ausência e o não-pertencimento a esses espaços.

Então, neste capítulo, apresentarei mais sobre as diversas jornadas de trabalho que as mulheres enfrentam, levantando debates em cima das jornadas produtivas e reprodutivas, refletindo também quais outras jornadas não são contabilizadas mas também se fazem presente na vida cotidiana das mulheres. Toda a delimitação de qual espaço é destinado às mulheres dentro da lógica da reprodução capitalista, é organizada por meio da divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007), mas não só. Neste capítulo também se debaterá que a divisão do trabalho não

1 Pesquisa realizada pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho** em 2018.

se organiza, unicamente, no sexual, mas também, na raça e na classe, com a tentativa de repensar o binarismo presente dentro da teoria da divisão sexual do trabalho. Trazendo também novas perspectivas de como a pandemia da COVID-19 influenciou no aumento das jornadas de trabalho para as mulheres, entendendo que a divisão social-sexual-racial do trabalho é também uma forma de naturalização das desigualdades de gênero.

2.1 AS MÚLTIPLAS JORNADAS DE TRABALHO

Nem dupla nem tripla, as jornadas de trabalho a que mulheres são submetidas tem caráter múltiplo. Dentro deste subcapítulo, contextualizarei as múltiplas jornadas de trabalho que as mulheres são submetidas, debatendo as horas destinadas ao trabalho doméstico não-remunerado, a falta de possibilidade de descanso, como processos coloniais são parte de processos de desumanização (FANON, 2001) e termina com o pontapé inicial da inviabilização do trabalho doméstico não-remunerado, subjacente das múltiplas jornadas.

As múltiplas jornadas de trabalho são parte da rotina cotidiana da maioria das mulheres latino-americanas. São duplas, triplas ou mais jornadas de trabalho em que são submetidas dentro e fora de casa, são responsáveis por todo o trabalho de manutenção da vida e de reprodução social. Divididas entre cuidar da manutenção/limpeza e organização da casa, cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos, organizar a rotina da família e etc. São jornadas de trabalho produtivo, jornadas domésticas, de maternidade, de cuidado, sexuais e de afeto. Elas desenvolvem suas atividades de trabalho remuneradas, inseridas dentro do mercado de trabalho, formal ou informal, e também são responsáveis por trabalhos não-remunerados e trabalho doméstico não-pago.

A jornada não é apenas uma quando se trata de mulheres, principalmente mulheres negras e indígenas, atravessadas também pela classe. Elas são responsáveis por múltiplas jornadas dentro e fora de casa, e em muitas vezes não têm perspectiva de descanso, de lazer e de tempo livre. A demanda das jornadas de trabalho domésticas são tantas que o tempo de descanso acaba virando o tempo de continuar trabalhando. O fato das mulheres serem inseridas dentro do mercado de trabalho assalariado, não tirou a responsabilidade de fazer o trabalho doméstico, da

reprodução e do cuidado. Adquiriu inclusive uma nova face de sobrecarga e desigualdade tanto no privado, como no doméstico.

Partindo do conceito marxista de jornada de trabalho, em que a jornada de trabalho é uma grandeza variável (MARX, 2013) onde o tempo de trabalho deve ser comprada e vendida pelo seu valor e determinada pelo tempo necessário para sua produção, as jornadas possuem um limite máximo, que deve ser determinado pela limitação física e por limites morais. Por aqui, percebe-se que a jornada de trabalho é delimitada e conceitualizada para trabalhadores homens assalariados, onde se é considerado o cansaço e a necessidade do descanso:

Durante uma parte do dia, essa força tem de descansar, dormir; durante outra parte do dia, a pessoa tem de satisfazer outras necessidades físicas, como alimentar-se, limpar-se, vestir-se etc. Além desses limites puramente físicos, há também limites morais que impedem o prolongamento da jornada de trabalho. O trabalhador precisa de tempo para satisfazer as necessidades intelectuais e sociais, cuja extensão e número são determinados pelo nível geral de cultura de uma dada época. (MARX, Karl, 2013. p. 391).

Mas não há, sequer, menção sobre quem é responsável pela manutenção das necessidades físicas de alimentação, limpeza, roupa e etc., para quem o descanso é sempre negado. As jornadas de trabalho tem um caráter diferente dentro das relações de gênero, de um lado, a sobrecarga e a responsabilidade de toda a manutenção do doméstico, do reprodutivo e do sexual, do outro, adultos funcionais que se beneficiam de trabalho não-remunerado de outra. Aqui, trato o antagonismo entre mulheres e adultos funcionais, porque não são apenas os homens cis que, de alguma forma, se beneficiam do trabalho não-remunerado. A sobrecarga pode também vir de outras concepções de casais, de família, de amores e afetos. É todo um sistema binário-patriarcal-racista que se beneficia e se sustenta no trabalho, no cuidado, afeto, no amor e no sexo de mulheres. A sobrecarga de trabalho das mulheres é uma forma, também, de violência e de manutenção de desigualdades de gênero.

Quando trato aqui de categorias de um sistema construído em cima de binarismos, racismo e patriarcado, é importante saber quais são as críticas e as limitações de uma construção de um mundo categórico. O processo colonial foi também um processo de desumanização (FANON, 2001), uma estrutura de dominação que até hoje apresenta sequelas (QUIJANO, 2007). Nesse sentido, Ochy Curiel, em uma entrevista na Universidade Federal do Recôncavo Baiano em julho de 2017, também exemplifica que categorias importantes são criadas a partir da

colonialidade, que se manifesta até hoje, por meio de hierarquização do poder, da raça, do sexo e da classe.

Curiel (2008) parte da ideia de que raça não existe como categoria de classificação humana, mas sim, como parte das construções imaginárias, ocasionando categorias sociais de poder para poder justificar as desigualdades políticas e sociais. São, então, categorias de poder, construídas desde a colonização para garantirem o espaço destinado às mulheres, às pessoas racializadas - negras e indígenas, à heterossexualidade compulsória, etc. Enquanto categorias de poder,

la “raza”, igual que la clase y el sexo ha sido concebida como categoría social de poder basada sobre la ideología de la diferencia fenotípica. Las estructuras de clase, racismo, género y sexualidad son concebidas como “variables dependientes” porque cada una está inscribe en las otras y es constitutiva de y por las otras. (CURIEL, 2007, p.5).

Quando apropriamos de categorias que nos foram destinadas no período de colonização, a gente permanece no lugar em que nos colocaram e que foi destinado a nós. É necessário o exercício de re-pensar as categorias universais como também, formas naturalizadas de propagar as desigualdades e apagamento epistêmico de todas as subjetividades do mundo.

Quando pensamos nas jornadas de trabalho, sabemos da existência de horas estabelecidas e delimitadas dentro do trabalho assalariado, quando se trata de trabalho doméstico não remunerado, não existe essa delimitação das jornadas/horas destinadas. O sistema capitalista é beneficiado com as múltiplas jornadas de trabalho feminino, exploradas não apenas no público, por meio do trabalho assalariado, mas também, do privado, no doméstico. O trabalho doméstico não-remunerado é a base para a manutenção do sistema capitalista que se beneficia com a sobrecarga das múltiplas jornadas de trabalho realizadas pelas mulheres, que garantem que esse espaço seja destinado para elas.

O conceito de dupla jornada de trabalho representa o trabalho em duas esferas: a doméstica e a do trabalho produtivo. Mas quando investigamos a fundo, perceberemos também que as jornadas são muito mais que duplas, são múltiplas. No doméstico, são envolvidos os trabalhos de cuidado, de cozinha/alimentação, limpeza e manutenção da casa, da maternidade, toda a jornada afetiva e sexual dentre outras demandas que historicamente, ao longo dos anos, foram destinadas como responsabilidade unicamente das mulheres.

O trabalho assalariado executa um papel crucial dentro da esfera de produção capitalista, pois é geradora de valor econômico, considerada como um trabalho produtivo. As jornadas de trabalho domésticas tem um caráter invisível dentro do ciclo capitalista de trabalho, mesmo sendo a base da manutenção dessa produção capitalista. É também um trabalho invisível dentro da sociedade, romantizado e sempre justificado com o cuidado e o amor (FEDERICI, 2019). São as mulheres que executam todo o trabalho doméstico, vital para a sobrevivência e a manutenção da família, para que os homens se preocupem unicamente com o trabalho assalariado/produtivo fora de casa.

A reprodução da força de trabalho também pode ser vista em duas “etapas”: a primeira é a atual, a sustentação de uma casa em funcionamento, com comida, limpeza, roupa e cuidado dos filhos em perfeita ordem para que o homem siga somente se preocupando em gerar força de trabalho produtiva. E a segunda, é para o futuro, com o trabalho da reprodução, gerando/gestando/parindo mais mão de obra para gerar mais força de trabalho. E a mulher é o centro dessa reprodução e manutenção, é parte de um trabalho cansativo, invisibilizado e desvalorizado - em todos os sentidos de *valor*.

O fato de que mulheres trabalham fora de casa, em um trabalho produtivo e assalariado, não as tiram da obrigação capitalista e patriarcal do cuidado e do doméstico. Pelo contrário, segundo Christine Delphy (2015), trabalhar fora não dispensa as mulheres das tarefas domésticas, além, não deve atrapalhá-las a executar o trabalho doméstico. Porque é esse o lugar em que as mulheres também não podem falhar, não podem descansar, não podem deixar de produzir o cuidado e o bem-estar da família, da/o cômjuge, e de quem mais divide a habitação. E mesmo que as mulheres mantenham uma rotina de trabalho assalariado, buscando também a independência econômica, ela somente é livre para ter uma dupla jornada de trabalho (DELPHY, 2015). E ainda ousa corrigir que a liberdade condicionada às mulheres é para terem múltiplas jornadas.

O arquétipo de mulher forte, guerreira, trabalhadora é construído em cima dessa ideia de que precisamos dar conta de todas as esferas das nossas vidas sem a chance do erro, do fracasso e do descanso. Mesmo havendo um crescimento na participação de mulheres no trabalho produtivo, isso não as tirou das atribuições do trabalho doméstico em casa, e sim, aumentou a carga de trabalho e a responsabilidade de manter tudo em ordem sem a chance de falhar. E em

contrapartida, enquanto a carga horária das mulheres dobrou, não houve um aumento da participação masculina nos trabalhos domésticos e de cuidado dentro de casa.

Os dados referentes às jornadas de trabalho nos lares brasileiros revelam aquilo que a construção histórica de uma sociedade hetero-patriarcal, colonialista, capitalista e racista espera das mulheres e reforça quais são os espaços em que elas devem permanecer, na cozinha, no âmbito doméstico. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2018, a grande maioria das mulheres entrevistadas trabalham em jornadas de trabalho muito maiores do que a dos homens com quem dividem a casa, seja por relação de matrimônio, familiar ou em coabitação. A pesquisa mostrou que enquanto cerca de 78% dos homens entrevistados realizaram algum tipo de trabalho doméstico em 2018, já as mulheres, cerca de 92% ficaram responsáveis pelo trabalho doméstico no mesmo ano. Quando observamos os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre as horas destinadas a afazeres domésticos, em que ele classifica como preparar e servir alimentos, arrumar a mesa e lavar a louça, lavar roupas e sapatos, limpeza da casa e organização da casa entre fazer comprar no mercado e etc., vemos a diferença do peso das múltiplas jornadas de trabalho. As mulheres dedicam, em média, 18,5 horas semanais em atividades domésticas e ao cuidado de pessoas, enquanto os homens, gastam apenas cerca de 10 horas semanais nessas atividades.

Conforme analisamos os dados relativos ao tempo destinado ao trabalho doméstico não-remunerado, a jornada do trabalho realizado por mulheres e tido como feminino pode chegar a quase 20 horas semanais, causando maior exaustão e sobrecarga. E para além das horas contabilizadas, ainda parte do trabalho do cuidado, a criação dos filhos, as jornadas sexuais e do trabalho político de militância não são contabilizadas dentro desse esquema de horas. Ou seja, é bem possível que na maioria dos lares brasileiros, as mulheres inseridas nesses contextos de múltiplas jornadas, estejam fazendo mais horas que o contabilizado. Sem a oportunidade da falha, do descanso, da folga. Porque a demanda doméstica é alta e a cobrança dentro e fora dos lares não as deixam descansar.

Essa rotina cotidiana cansativa de jornadas de trabalho é uma mão dupla de exploração e de beneficiados. Dentro da esfera da casa, os/as cônjuges, filhos/filhas, pais, avós, etc., são os favorecidos pelo trabalho doméstico das mulheres que provêm o acolhimento, o suporte, o cuidado dos filhos, e a segurança de que poderão contar com elas para que sigam suas vidas fora das paredes da casa. E fora da esfera

privada, é um trabalho gratuito e reprodutivo, que é a base para a manutenção do capital.

Durante a pandemia, ainda em curso, da COVID-19 (2020-2022) os dados sobre as jornadas de trabalho de mulheres é ainda mais nítido a sobrecarga de atividades específicas. As condições de vida, para todos, nesse período foi modificada de alguma forma, em um país com um presidente² que pouco se preocupa com a vida da população e suas reais necessidades, resultou em uma precarização em massa em diversas esferas sociais e políticas³. A pandemia teve efeitos distintos, e não afetou todos da mesma maneira, marcada por desigualdades sociais e de gênero, a pandemia teve impactos diferentes para as mulheres (DORNA, 2021).

As mulheres, principalmente negras ou indígenas, sofreram com uma maior precarização, invisibilização e sobrecarga nas jornadas de trabalho. Nesse período de isolamento social, a carga de trabalho dentro de casa aumentou consideravelmente, levando ainda mais as mulheres a desprender horas de seu dia para se dedicar a atividades domésticas, tendo que conciliar com suas jornadas produtivas de trabalho.

Outra implicação direta desse contexto para as mulheres refere-se ao trabalho de cuidado não remunerado e à sua distribuição desigual entre os gêneros. Anterior à pandemia, esta desigualdade tende a se agravar em tempos de crise, já que, em função da saturação dos sistemas de saúde e do fechamento das escolas, as tarefas adicionais de cuidado recaem principalmente sobre elas que, em geral, são as responsáveis por cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças. (DORNA, 2021, p.2).

2 O ex-presidente do Brasil (2019-2022) Jair Messias Bolsonaro, que por inúmeras vezes durante a pandemia, atrasou vacinas, atacou diretamente a produção científica brasileira, atrasou a compra da vacina, desestimulou a campanha de vacinação e fez campanha para medicamentos ineficazes para o tratamento da COVID-19. Em um país de mais de 700 mil mortos pela COVID-19, algumas das declarações ao ser questionado sobre a morte de milhares de brasileiros foram: "idai, não sou coveiro?", minimizando dizendo "é só uma gripezinha" ou imitando pessoas com falta de ar, principal sintoma causado pelo vírus. A CPI da COVID mapeou mais de 200 falas e momentos em que o atual presidente propagou o discurso negacionista frente à pandemia. <Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml> e <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/08/da-negacao-a-contaminacao-o-trajeto-de-jair-bolsonaro-ate-o-encontro-com-o-virus>. Acesso em 04/10/2022>

3 A precarização nas diversas esferas sociais no Brasil foi resultado de um programa de governo, que se elegeu baseado em pátria, deus e família, defendendo a moral e os bons costumes, defendendo e garantindo o direito às classes altas de continuar enriquecendo na exploração das trabalhadoras e trabalhadores. Em um momento em que o Brasil volta ao mapa da fome, em que mais de 60 milhões de pessoas apresentam algum grau de insegurança alimentar, e que a fome, em 2022, está presente nos lares de mais de 30 milhões de brasileiros (segundo o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil). Onde o desemprego e o trabalho informal sobe a níveis altos, a falta de investimento nas creches, escolas e universidades públicas, resultam na precarização da vida e das esferas sociais e políticas do país. O desmonte de políticas públicas e o aumento das desigualdades sociais fez com que a pandemia também tornasse essa precarização ainda maior no cenário brasileiro.

Ao longo desses dois anos de pandemia, as mulheres nunca pararam de trabalhar, e ainda adquiriram mais sobrecarga nas jornadas de trabalho. A economia que sustentou a vida pandêmica foi construída nas relações cotidianas. Uma pesquisa realizada pela Sempreviva Organização Feminista (SOF) e Gênero e Número para compreender as dimensões do trabalho na vida das mulheres durante a pandemia revelou que 50% das mulheres brasileiras passaram a ser responsáveis pelo cuidado de alguém. São as mulheres, principalmente as negras e pobres, que não pararam durante o período de isolamento social, porque a vida e o cuidado são permanentes. A pesquisa também mostrou que, mulheres negras somam 52% com a responsabilidade do cuidado, enquanto as mulheres brancas somam 46%.

E todo esse trabalho do cuidado faz parte de uma das múltiplas jornadas de trabalho que as mulheres são destinadas socialmente, fazendo-o gratuitamente e sem ser visto como um trabalho. Além da invisibilidade, é um trabalho desvalorizado perante o capital, porque não gera mais-valia nem valor de troca, apenas o valor de uso.

2.2 DIVISÃO SEXUAL | RACIAL | SOCIAL DO TRABALHO COMO FORMA DE NATURALIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES

As construções sociais e históricas que destinam e asseguram, ano após ano, o lugar das mulheres dentro do espaço doméstico é chamada de divisão sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007). Mas ela não é apenas mediada pelo sexo biológico, é também atravessada pela classe social e pela raça. A organização das divisões do trabalho são múltiplas e causadas por distintos (mas não tão distantes entre si) marcadores: o patriarcado, o racismo, o colonialismo, a herança escravocrata e o capitalismo. Então, neste subcapítulo, trataremos de como a divisão sexual não é apenas definida pelo sexo biológico, mas também por questões de raça e de classe, com a tentativa de romper com o binarismo conceitual da divisão sexual/racial do trabalho.

Ainda ocorre a tentativa de associar o trabalho doméstico às mulheres por questões biológicas, naturais e defendido que é sobre amor, mas, na verdade, é trabalho não-pago (FEDERICI, 2019). São as relações sociais de gênero que

determinam a divisão sexual do trabalho, que não é apenas sexual, é também racial e social, determinadas também por práticas sociais.

A divisão sexual do trabalho é o suporte empírico que permite a mediação entre relações sociais (abstratas) e práticas sociais (concretas) e a elaboração de hipóteses de médio alcance. [...] **A divisão sexual do trabalho** está no âmago do **poder** que os **homens exercem sobre as mulheres** (HIRATA; KERGOAT, 2003, p. 114, grifo nosso).

As jornadas múltiplas de trabalho que as mulheres enfrentam não são remuneradas. E então, Hirata e Kergoat (2007) afirmam que dentro das sociedades salariais, o trabalho doméstico é a questão central nas relações de poder, e se ele for suprimido, todas as relações desmoronam, justamente pela divisão sexual do trabalho estar no centro do poder que os homens exercem sobre as mulheres.

A divisão sexual do trabalho é uma questão de gênero, entendida como a atribuição de trabalho, tarefas e responsabilidades, histórico-socialmente, entre pessoas de sexos opostos. Mas, a partir do momento em que entendemos a divisão sexual do trabalho como um problema antagônico somente entre homens e mulheres, excluimos todas as dissidências de gênero e apagamos identidades e sexualidades que existem e coexistem dentro das discussões de gênero. Reforçamos a binaridade de um marcador universal e heterossexual, que acaba sendo insuficiente para dar conta de todas as novas subjetividades e seus diferentes arranjos familiares. Arranjos esses que podem ser monoparentais, multi ou pluri parentais, homo parentais, sem necessariamente ser composta por um homem cis enquanto esposo/pai.

Novos debates vêm surgindo para romper e subverter o binarismo dentro das discussões de gênero, porque entendem que as estruturas familiares mudaram, a sexualidade é experimentada e discutida de novas formas, conseguimos mudanças significativas na transformação do social. E então,

Temáticas como a transexualidade, as sexualidades queer, as famílias mono, multi e homoparentais ocupam a cena contemporânea e levantam uma série de questões sobre as novas relações de sexo e de gênero, os lugares do homem e da mulher na sociedade e na família, e, sobretudo, a divisão binária da sexualidade. [...] Os novos arranjos da sexualidade e da família trazem à tona em nossa cultura atual **a insuficiência do modelo binário e hierárquico de diferença sexual**, que já **não dá conta do entendimento e do acolhimento das subjetividades e identidades contemporâneas**. (POMBO, 2017, p.389, grifo nosso).

Todos esses novos arranjos de família e sexualidade nos mostram que o binarismo de gênero da divisão sexual do trabalho é ultrapassado e precisa ser

revisitado para continuar entendendo as relações de trabalho e de jornadas de trabalho para as mulheres. Não são mais apenas para os homens em que elas prestam o trabalho não remunerado, são também para suas companheiras/companheiros.

Romper com o binarismo aqui é também romper com o padrão heterossexual das discussões clássicas de gênero e com a responsabilização individual, atribuindo a responsabilidade também ao Estado. Quando a divisão sexual do trabalho se baseia na binaridade da existência antagônica de dois sexos e dois gêneros, são entendidos como complementares desde uma ótica heterocentrada (CURIEL, 2008). Mulheres que se relacionam afetiva/sexualmente com outras mulheres não estão isentas das atribuições de trabalho e de sobrecarga, mas aqui adquire uma nova face na divisão. Já que os princípios organizadores da divisão sexual do trabalho são sustentados por um caráter binário entre trabalho destinado a homens e trabalho destinados a mulheres, em uma relação entre duas mulheres, ambas assumem outras relações de trabalho.

O pacto heteropatriarcal é basicamente a forma de organização do mundo, e subverter a forma como eles esperam que a gente se relacione, rompendo o binarismo desde nossos amores, afetos e sexualidade é desobediência do que eles esperavam de nós.

A divisão sexual do trabalho entende o marcador de sexo biológico, sendo então fundamentada em uma relação entre mulheres e homens, mas não só. É também uma divisão social, por classe, e divisão racial. A contribuição para entender a forma como as mulheres têm se inserido no mercado de trabalho e como é definido o conceito de divisão sexual do trabalho, a socióloga francesa Danièle Kergoat e Helena Hirata definem da seguinte forma:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

É então, uma forma de organização social do trabalho, e divide as atribuições entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo. O trabalho produtivo, geralmente

destinado a homens, tem um valor social forte, na política, nas empresas, no comércio, e o reprodutivo relacionado com cuidados, reprodução social e tarefas domésticas, destinado às mulheres. As relações sociais de gênero são centrais, e é uma relação de poder, de dominação e exploração das mulheres, entendida também como “divisão social e técnica do trabalho é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuadas de poder” (HIRATA, 2002).

As mulheres dedicam, proporcionalmente, mais tempo semanal em tarefas domésticas, do cuidado, do que os homens. A permanência e a naturalização da desigualdade de gênero mora e cria raízes justamente lado a lado com a divisão sexual do trabalho. Quando tratamos de divisão racial do trabalho, as mulheres negras são o centro, elas são a maioria em trabalhos precarizados, e são as chefes de família com as menores rendas no país⁴. É preciso olhar atento para entender as divisões sexuais-raciais-sociais do trabalho, porque ela tem múltiplas facetas em que é preciso analisar e considerar as interseccionalidades entre elas, porque não é possível desassociar o gênero da raça e do social.

A divisão sexual do trabalho tem princípios organizadores: separação e hierarquização (KERGOAT, 2003). O primeiro princípio organizador, a separação, é reforçar que existem trabalhos destinados às mulheres, e trabalhos destinados a homens. Já a hierarquização é colocar os trabalhos ditos masculinos com maior valor e prestígio, do que em comparação ao feminino. Ambos princípios são parte da construção histórica da organização das sociedades patriarcais, e são chave importante para a naturalização das desigualdades de gênero.

Quando observamos as relações de trabalho, é possível perceber que a organização não parte apenas do sexual, é preciso sim tratar também como uma divisão racial do trabalho, e em ambas, o capitalismo se reproduz. Talvez de forma mais cruel e precária quando se apoia no racismo para validar a marginalização dos corpos negros, e de exploração de mão de obra e de trabalho reprodutivo de mulheres negras. É para elas que se paga o menor salário e que as taxas de desemprego são

4 Em 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, apresentou dados da pesquisa da Síntese de Indicadores Sociais – Uma Análise das Condições de Vida da população brasileira, e de acordo com o IBGE, há mais de 7,8 milhões de pessoas vivendo em casas chefiadas por mulheres negras, enquanto casas chefiadas por mulheres brancas é cerca de 3,6 milhões. Em 63% das casas comandadas por mulheres negras com filhos até 14 anos estão abaixo da linha da pobreza no Brasil. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-brasil-63-das-casas-chefiadas-por-mulheres-negras-estao-abaixo-da-linha-da-pobreza/>>

mais altas, as mulheres negras são as maiores prejudicadas na divisão sexual-racial do trabalho, porque precisam enfrentar para além do machismo, o racismo estrutural na sociedade e no mercado de trabalho. Não é possível desassociar a raça dentro da divisão sexual do trabalho, e Lélia Gonzalez (2011) explica muito bem o perigo de continuar com o discurso branco e heteropatriarcal, ao dizer que:

tratar, por exemplo, da **divisão sexual do trabalho sem articulá-la com seu correspondente em nível racial, é recair numa espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizado e branco**. Falar da opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro pelo fato de não ser brancas. (GONZALEZ, 2011, p. 14, grifo nosso).

Precisamos continuar rompendo com os padrões eurocêntricos para tratar a realidade das mulheres da América Latina, e repensando desde a branquitude, saídas para romper com o racismo epistêmico e estrutural. A simbiose entre o patriarcado e o racismo (SAFFIOTI, 1987) é observada dentro do processo social e político brasileiro, mas não é uma característica somente do Brasil, mas sim de toda América Latina.

As desigualdades/opressões de gênero não atingem da mesma forma todas as mulheres (hooks, 2015). Mulheres negras e indígenas foram — e ainda são, invisibilizadas, ignoradas, apagadas e deixadas de lado dentro e fora dos estudos feministas e de gênero, como forma de utilizar mulheres brancas como marcador universal. Os debates contemporâneos mudaram a ótica, mas ainda precisamos avançar. Para explicar as desigualdades de gênero precisamos também passar pela raça e pela classe, todas as experiências precisam ser revisitadas. Porque é assim que revelamos a insuficiência política e teórica, para construir as múltiplas expressões do feminino em sociedades multirraciais e pluriculturais (CARNEIRO, 2003, p.118).

A realidade latino-americana nos mostra que, mesmo após anos de colonização, exploração, ditaduras e escravidão, o racismo ainda permanece como estrutura da sociedade e a herança escravocrata segue delineando qual é o “tipo” de trabalho que mulheres negras podem ter dentro da subalternização, organizando assim a divisão racial do trabalho. No geral, são trabalhos precarizados, com baixo salário, e também com o princípio organizador da hierarquização (KERGOAT, 2003), porque dentro da sociedade de classes, existem trabalhos com maior e com menor

prestígio, sendo o segundo, o lugar esperado e destinado a mulheres negras e indígenas.

A herança escravocrata é parte principal da divisão racial do trabalho, Sueli Carneiro (2003) descreve bem quando diz que: “Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas”. Não é apenas por acaso que dentro do trabalho doméstico remunerado no Brasil, mulheres negras são maioria⁵ dentro dessa ocupação. E não apenas dentro do trabalho remunerado, mas também são a maioria responsável pelo trabalho doméstico não-remunerado, e conseqüentemente, sofrem com as múltiplas jornadas de trabalho. A pesquisa divulgada pelo IBGE, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, dentro da categoria “Outras Formas de Categoria”, mostra que a maior taxa de mulheres que realizam os “afazeres domésticos”, são mulheres negras, com cerca de 94,1%⁶. É parte das raízes escravocratas e coloniais desse país, que o capitalismo e a burguesia, dia após dia, se beneficiam com as mãos do trabalho visível e invisível de milhares de mulheres.

O patriarcado foi “se fundindo com o racismo, e posteriormente, com o capitalismo, regime no qual desabrocharam, na sua plenitude, as classes sociais” (SAFFIOTI, 2000, p. 73). O racismo é também uma das faces da opressão do patriarcado, que se apoia também nas raízes colonialistas de qual é o lugar – ou não-lugar, que mulheres negras devem ocupar dentro da sociedade capitalista-patriarcal-racista. Para mulheres e homens negros, se destinou o lugar do “não-ser”, tirou toda a humanidade e coisificou os corpos e existência negra (FANON, 2008).

Então, se entendermos que a:

[...] divisão sociosexual e racial estrutura as esferas produtivas e reprodutivas (duas dimensões fundamentais do ser social) sendo, em grande medida, determinante para a situação desigual entre os indivíduos já que subalternizou as mulheres em todo o processo histórico. Isto significa que a luta por uma divisão sociosexual e racial do trabalho mais justa refere-se, portanto,

5 Segundo o Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (DIEESE) em pesquisa divulgada em 2022, as mulheres representam 92% das pessoas ocupadas pelo trabalho doméstico no Brasil, sendo 65% mulheres negras, traçando um perfil básico das trabalhadoras.

6 A pesquisa ainda divulgou outros números de mulheres brancas e pardas responsáveis pelo trabalho doméstico não-remunerado, e são: 91,5% e 92,1% respectivamente. A pesquisa da amostra de domicílios também apresentou números referentes aos homens responsáveis pelos “afazeres domésticos” e são: 80,4% dos homens brancos, 80,9% dos homens negros e 76,5% dos homens pardos. Os resultados, mesmo que separados pelos recortes de gênero, raça, idade, escolaridade, etc. a maioria responsável são as mulheres, em especial mulheres negras, em todas as regiões do país. Representando a grande desigualdade dentro do trabalho doméstico não-remunerado. Pesquisa disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/habitacao/17270-pnad-continua.html?edicao=27762&t=resultados> Acessado em: 07 de outubro de 2022.

também ao enfrentamento do próprio capitalismo. (PASSOS, R.G.; NOGUEIRA, C.M, 2020).

No que se refere às estruturas de subalternizar mulheres durante o processo histórico da construção da divisão sexual do trabalho, não é possível dissociar que mulheres negras sejam as maiores afetadas com a subalternização do trabalho. E que o enfrentamento para romper com a divisão para além de ser unicamente com o capitalismo, é também o enfrentamento antirracista em todas as nossas práticas cotidianas.

A divisão sexual e racial do trabalho garante lugares e tipos de trabalho dentro da sociedade destinadas às mulheres, sobretudo os mais precários e os que envolvem trabalhos domésticos, do cuidado, etc. Para manter, por anos, o discurso de que as mulheres precisam ser as responsáveis por todo o trabalho doméstico, foi utilizado a “naturalidade” feminina para o cuidado, e Federici (2019) bem assinalou que os atributos da feminilidade, são, na realidade, trabalho. Travestidos de atos de amor e de cuidado. Foi com essa atribuição que segurou e manteve as mulheres no espaço privado. E quando elas quiseram romper com essa ordem estabelecida e conquistar o seu espaço fora do privado, com trabalhos assalariados em busca da independência financeira, precisam enfrentar todo tipo de violência e desigualdade de gênero: baixos salários para a mesma função que outros homens, cargos não gerenciais mesmo com maior profissionalização, assédio moral, etc.

Foi dentro da construção histórica do trabalho que se definiu que os homens seriam os provedores da família, e as mulheres, destinadas ao cuidado, e da naturalização de que elas deveriam permanecer dentro do espaço privado, no doméstico. Enquanto os homens tinham maior incentivo para ocupar o espaço público e prover a família em trabalhos de maior visibilidade, com maior prestígio do que estar em casa, se encarregando de toda a manutenção da vida e do cuidado dos filhos.

Apesar de que, é preciso repensar a forma antagônica de pensar de que a divisão sexual do trabalho seja necessariamente uma relação binária entre mulher x homem, as atividades domésticas, historicamente, são vinculadas ao casamento e as relações parentais heterossexuais. Não são apenas nesses contextos que existe a hierarquia e a separação do trabalho que reserva às mulheres ao cuidado da família, em nome do amor e da manutenção familiar, enquanto outros adultos funcionais do sexo masculino ficam como responsáveis financeiro para prover o lar e a família.

A desigualdade de gênero se esconde nessas lacunas das relações de cumplicidade familiar, mas não só. Quando a sociedade, historicamente, estabelece que existe um tipo de função diferente entre os gêneros na manutenção da família, um tipo de trabalho distinto determinado pelo sexo biológico, onde de um lado: um trabalho invisível, e de outro, um trabalho com valor - e que produz valor, cria e reproduz as desigualdades de gênero. As relações sociais entre os sexos são hierarquizadas, logo, são desiguais. Quando naturalizamos a desigualdade com base em um discurso biológico, reafirmamos que existe uma essência e parte do ser natural que edifica as construções sociais entre os sexos.

A divisão sexual do trabalho precisa sempre ser revisitada e atualizada, considerando as outras formas de organização, não somente a heterossexual, considerando as dissidências e as diferentes vivências de mulheres negras e indígenas. É nosso papel subverter toda e qualquer imposição colonial, racista e patriarcal da forma de organização do nosso mundo, se não, estamos apenas reproduzindo e naturalizando as diferentes formas de desigualdade. Um novo mundo é possível. E para isso, precisamos seguir na desobediência, rompendo com a pacificidade que esperam de nós, vivenciando outros afetos, outros amores, com muita fúria.

3. FRONTEIRAS ENTRE O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO-REMUNERADO E O TRABALHO REMUNERADO

Ao compreender o que e quais são as múltiplas jornadas de trabalho que mulheres latino americanas são submetidas, é possível observar que o trabalho doméstico não-remunerado é parte essencial na discussão e na organização das jornadas de trabalho. Não só porque o trabalho doméstico é a principal jornada que as mulheres enfrentam no dia a dia, mas também porque faz parte da vida cotidiana de 92% das mulheres⁷ brasileiras, em que elas destinam 18,5 horas⁸ semanais em atividades domésticas. Essas horas, são parte de jornadas contabilizadas, em dados oficiais, mas sabemos que a realidade de milhares de mulheres é muito além das principais atividades domésticas: lavar, cozinhar, passar, limpar, etc. Outras jornadas são excluídas dessa contagem de horas, são elas: a militância/política, a pedagógica, a sexual, e a emocional (SCHNEIDER, 2020). Ou seja, as horas destinadas ao cuidado de outras pessoas e ao trabalho doméstico não-remunerado ultrapassa as já contabilizadas.

Neste capítulo vamos trabalhar um pouco mais sobre o trabalho doméstico não-remunerado dentro das múltiplas jornadas de trabalho, passando pelas fronteiras do trabalho doméstico remunerado e não-remunerado, conceitualizando a economia do cuidado, e considerando também a realidade das mulheres moradoras de uma cidade fronteiriça (Foz do Iguaçu/PR) com toda a especificidade que a região oferece. Debatendo sempre a invisibilização social que o trabalho doméstico não-remunerado enfrenta, com suas múltiplas facetas, formas e mecanismos de invisibilidade e suas diferentes formas de apagamento das sujeitas responsáveis pelo trabalho doméstico não-remunerado.

7 Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD, de 2018. O resultado foi: cerca de 78% dos homens entrevistados realizaram algum tipo de trabalho doméstico em 2018, já as mulheres, cerca de 92% ficaram responsáveis pelo trabalho doméstico no mesmo ano.

8 Pesquisa realizada pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho** em 2018. Esses dados são anteriores a pandemia de COVID-19, dentro do contexto pandêmico, as horas destinadas ao trabalho doméstico e de cuidados podem ser ainda maiores, já que as mulheres precisaram ainda mais estar na linha de frente de todos os cuidados. Tanto no doméstico, como também em serviços ditos como essenciais, que não pararam nos lockdowns. As horas de trabalho não-remunerado realizadas, majoritariamente, por mulheres tendem a ser ainda maiores que as contabilizadas pelo IBGE.

O trabalho assalariado anda de mãos dadas com o doméstico não-remunerado, por meio das jornadas, não porque são semelhantes, mas porque não se desassociam. Entendo que não é possível falar de múltiplas jornadas de trabalho feminina sem passar pelo trabalho doméstico não-remunerado, já que ele é a maior parte das horas destinadas à realização das jornadas. As mulheres que trabalham fora de casa, em um trabalho produtivo, que gera valor de troca, que tem um salário, também são as responsáveis pelo trabalho doméstico ao chegar em casa.

A fronteira que a não-dissociação entre um e outro habita é, como em todas as fronteiras, linhas imagináveis. No trabalho doméstico não há limite-fim, há sempre alguma coisa para limpar, sempre alguém para educar, a casa para organizar, maternidade como responsabilidade. A incansável e interminável rotina cotidiana de tantas e tantas mulheres. Assim como em outras fronteiras, a delimitação dessa daqui, entre trabalho remunerado – jornadas produtivas, e trabalho não remunerado – jornadas reprodutivas, é frágil. E a existência de um é marcada pela presença do outro. O trabalho remunerado só se mantém no capitalismo, porque são anos e anos de trabalho doméstico não-remunerado, assegurando todas as necessidades básicas para família para outros trabalhadores possam continuar sendo mão-de-obra.

As mulheres que possuem um trabalho assalariado não deixam de serem as responsáveis pelo trabalho doméstico, ter independência, ter um salário, não as tira da cozinha, dentro de casa, os trabalhos seguem tendo rostos, mãos e histórias femininas. São gerações e gerações de mulheres que se dedicam a limpar e a relimpar a casa, dedicam a vida toda para a organização e a limpeza da casa. E essas práticas são medidas de valor nas famílias brasileiras, onde é comum se desculpar ao receber visitas pela casa bagunçada – mesmo que ela tenha sido limpa minutos antes. “Não reparem na bagunça” é mais uma das armadilhas do patriarcado e da forma de organização em que asseguram que o lugar das mulheres é em casa.

3.1 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO-REMUNERADO E A INVISIBILIZAÇÃO SOCIAL

O trabalho doméstico é parte da realidade cotidiana das mulheres brasileiras, é uma ocupação de exigência diária, que é definida em:

preparo de alimentos, atividades feitas algumas vezes na semana, como manutenção da limpeza, do vestuário e compras. Outras atividades podem ser feitas de modo programado, como jardinagem, pagamento de contas,

pequenos reparos no domicílio. Existem, ainda, as atividades que são realizadas conforme as demandas, que é o caso das atividades de cuidado de membros da família, sejam eles crianças, enfermos ou idosos. (...) Essas atividades podem ser vistas como necessárias para o funcionamento do domicílio e bem-estar dos seus membros. (JESUS, 2018, p.17).

E todo esse trabalho de cozinhar, limpar, passar, cuidar, etc. é feito de forma gratuita. Segundo o Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe, construído pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL⁹, a definição de trabalho não-remunerado é referente ao trabalho que é feito sem qualquer tipo de pagamento. Pode ser medido pelo tempo que a pessoa dedica-se a tipos de trabalho para autoconsumo, ou domésticos e de cuidados não remunerados, tanto dentro de suas próprias casas, ou como apoio a outros lares.

O trabalho doméstico determina os outros tipos de trabalho. São rotinas baseadas e marcadas por ele, e adaptadas a partir da realização e cumprimento das tarefas domésticas. O trabalho doméstico pesa na organização da rotina, e em alguns casos é ele que adapta a rotina na vida fora de casa, e acaba por determinar os trabalhos nos espaços públicos. O trabalho doméstico não-remunerado é realizado sem nenhum tipo de pagamento ou salário, que também faz parte da construção do caráter invisível que ele enfrenta.

E mesmo que o trabalho doméstico seja de realização diária, que faz parte da rotina de muitas de nós, ainda assim, ele é um tipo de trabalho invisibilizado. Não é visto e nem encarado como um trabalho, tanto por quem realiza as atividades – em sua imensa maioria mulheres, por quem é beneficiado com o trabalho delas, como também é invisibilizado socialmente e perante o Estado. Algumas teóricas feministas vêm alertando há tempos que parte dessa invisibilização social vem do fato de não ser um trabalho assalariado (FEDERICI, 2019).

Mas não só, a divisão sexual do trabalho definida pelo processo de hierarquização (KERGOAT, 2003) já destinou quais trabalhos têm maior prestígio, são bem-vistos e almejados pela sociedade, e quais trabalhos têm menor prestígio e valor, em sua maioria, ocupações femininas. O fato de, enquanto sociedade, assegurarmos que as mulheres sejam responsáveis por esses trabalhos, faz parte da construção da dimensão invisível do trabalho doméstico.

9 Dados e definições disponíveis em: <https://oig.cepal.org/pt/indicadores/tempo-total-trabalho>

É um trabalho majoritariamente feminino, feito no doméstico, no privado, em um país onde popularmente se diz que: “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, então não seria diferente que o doméstico continue sendo algo privado, algo a se deixar escondido na vida cotidiana das pessoas. E tudo isso contribuiu para que, cada vez mais, o trabalho de milhares de mulheres sequer seja encarado como um trabalho, reforçando o caráter invisível do trabalho doméstico não-remunerado.

São anos e anos de construções históricas que dentro do casamento heterossexual, e da construção da família, é papel das mulheres exercerem todo o trabalho reprodutivo, do cuidado, do doméstico de forma não-remunerada. Silvia Federici (2019) inclusive, diz que, é exatamente a condição não-remunerada do trabalho doméstico que fortalece a ideia de que não é um trabalho, impedindo que as mulheres, então, lutem contra ele.

A invisibilização social que o trabalho doméstico enfrenta é sentida de muitas formas. Por mais que seja invisível por não ser considerado um trabalho, ele não é invisível por quem sente, diariamente, o que é enfrentar as múltiplas jornadas de trabalho. As pessoas responsáveis pelo trabalho doméstico, em sua imensa maioria, mulheres, podem também não se dar conta de tudo que elas fazem é trabalho. O trabalho doméstico é invisibilizado, mas ele produz o mais importante dentro da relação de trabalho capitalista: a força de trabalho (FEDERICI, 2021).

Somos socialmente e historicamente ensinadas que cuidar da casa, da família e se responsabilizar por toda a limpeza e manutenção da casa são atos de amor e uma condição natural do feminino (FEDERICI, 2019). Tudo isso para não chamar pelo que é: trabalho não-remunerado. Mas, mesmo que as mulheres responsáveis pelo trabalho doméstico não tenham se dado conta de que todo o esforço e serviço que elas fazem, é de fato um trabalho, elas sentem de diferentes formas. É dentro da vida cotidiana que o cansaço, a exaustão e a sobrecarga são sentidas. Não só o cansaço físico, mas também o esgotamento mental por tamanha carga de responsabilidade enfrentada nas múltiplas jornadas de trabalho.

É necessário entender como o trabalho também é adoecedor, e o caráter invisível dele coloca as responsáveis à margem dos sentimentos, causando transtornos físicos e psicológicos por conta da exaustão e esgotamento mental. O tempo em que as pessoas se dedicam ao trabalho, é afetado diretamente pelo tempo disponível para se envolver em outras atividades (MEDEIROS, 2018). Se as mulheres

dedicam muitas horas semanais ao trabalho doméstico não-remunerado, elas não têm tempo para outras coisas da vida, como o autocuidado, o descanso, o lazer.

O cansaço das múltiplas jornadas, do trabalho doméstico não remunerado, do trabalho do cuidado é parte da rotina das mulheres no Brasil. E o cansaço não é apenas físico, é mental também, estar nos espaços domésticos é também um espaço de vulnerabilidade, pois:

[...] há riscos decorrentes, muitas vezes, da multiplicidade de papéis desempenhados e das inúmeras situações estressoras às quais as mulheres estão mais propensas. Tais vulnerabilidades relacionais, associadas aos processos biológicos – menarca, gravidez e menopausa – e agravadas por questões sociais e econômicas, tais como as violências e a feminização da pobreza, podem comprometer a saúde mental de mulheres. (SANTOS; DINIZ, 2018, p.39).

A saúde mental e física das mulheres é afetada de diversas formas, e não pode apenas ser entendida como algo isolado ou sentido apenas no individual, mas como resultado das relações (SANTOS, 2004) patriarcais, racistas, machistas que ano após ano continuam destinando lugares no doméstico para elas.

A rotina de muitas mulheres já é marcada por acúmulos de responsabilidades, trabalho e tarefas, mas com certeza na pandemia do COVID-19 tudo isso foi intensificado. As mulheres que trabalham remuneradamente fora de casa, passaram a ter que desempenhar todas as suas jornadas de trabalho dentro do doméstico. Foi preciso trazer jornadas de trabalho “produtivas” para dentro das casas por medidas de distanciamento social, e isso potencializou a sobrecarga e o esgotamento mental, com jornadas mais extensas, misturadas, mais estressantes.

Novamente, as fronteiras entre o trabalho doméstico não-remunerado/trabalho de cuidados e os trabalhos considerados produtivos se atravessaram na pandemia de tal forma que muitas mulheres precisaram “se virar nos 30” para conseguir manter a produtividade nos trabalhos que desempenham. Com uma rotina totalmente diferente, e aquelas que têm filhos, com os filhos em casa – também em distanciamento social, precisando então realizar jornadas de cuidado, as pedagógicas, cuidando da alimentação e do preparo dos alimentos, conciliada no mesmo espaço (e às vezes, até no mesmo tempo) com o trabalho remoto.

E mesmo assim, foi e segue sendo um privilégio da branquitude e de classe ter conseguido conciliar na pandemia o trabalho formal de forma remota e todas as jornadas de trabalho. Com as rotinas misturadas,

[...] ainda que estas atividades sejam cansativas, são atravessadas por privilégios de classe e raça. Para muitas mulheres, a realização de atividades virtuais remuneradas (*home office*) representam, além do estrangeirismo linguístico, uma impossibilidade, seja pelo vínculo de trabalho informal seja pela natureza das atividades que exercem. Para outras, as dificuldades e a exaustão estão articuladas à perda ou diminuição brusca da renda e à impossibilidade de contar presencialmente com redes de apoio devido às medidas de distanciamento social. (MOREIRA; ALVES; OLIVEIRA; NATIVIDADE, 2020, p.6)

Na história brasileira, com raízes coloniais e com a herança escravocrata, o trabalho doméstico pode ser terceirizado, de forma remunerada, às empregadas domésticas. Ou seja, o trabalho doméstico não é apenas realizado por pessoas que moram nas casas, mas também terceirizado a outras mulheres. E mesmo que seja remunerado, é um trabalho historicamente desvalorizado, enfrentando também condições precárias de trabalho. É feito majoritariamente por mulheres, 95% segundo o IBGE em 2018, e em sua grande maioria mulheres negras. O trabalho doméstico é para além de apenas uma questão de gênero, é de raça e de classe também. A herança colonial escravocrata é presente nas relações de gênero e de trabalho no Brasil.

Ao pensarmos a relação do capitalismo com o trabalho doméstico e reprodutivo, o capital não chega no “espaço feminino”, e segue reproduzindo e determinando os papéis de gênero, onde mulheres são responsáveis pelo cuidado, enquanto outro gera o sustento da família (FEDERICI, 2021) via trabalho produtivo. Federici (2021) aponta exatamente que o ponto chave é que Marx não considerou o trabalho reprodutivo dentro do ciclo do capital, e que existe, para além da separação do campesino e da terra, existe também a separação entre o processo de produção e o processo de reprodução. As fronteiras que habitam essa separação entre produtivo x reprodutivo são também físicas e desenvolvidas por diferentes sujeitos (FEDERICI, 2021). E no caso das mulheres, um determina o outro.

Quando as mulheres trabalham para o capital, utilizando de sua força de trabalho para todo o trabalho de cuidado e doméstico, elas estão também em um espaço incerto, porque por outro lado, elas não são inseridas dentro da lógica capitalista (FEDERICI, 2021).

Partindo disso, a estrutura oculta do modo de produção capitalista é baseada no fato de que as mulheres precisam se preocupar com as necessidades dos outros o tempo todo. Isso estabeleceu o trabalho doméstico e a família como pilares fundamentais do capitalismo (FEDERICI, 2021) e de seu fortalecimento.

Dentro das jornadas do trabalho doméstico não-remunerado, o horário de pico de trabalho, geralmente é pela noite, depois do trabalho produtivo. Chegar em casa é quase sinônimo de continuar trabalhando, agora sem remuneração e para a reprodução. O tempo de descanso e de sono são reduzidos devido a carga alta de trabalho doméstico e do cuidado. Tudo isso sem receber salário para o trabalho realizado. E por mais que todo esse trabalho não resulte em pagamento, nós

produzimos o produto mais precioso que existe no mercado capitalista: **a força de trabalho**. O trabalho doméstico é muito mais do que limpar a casa. É servir aos assalariados física, emocional e sexualmente, preparando-os para o trabalho dia após dia. É cuidar das nossas crianças – os trabalhadores do futuro –, amparando-as desde o nascimento e ao longo da vida escolar, garantindo que o seu desempenho esteja de acordo com o que é esperado pelo capitalismo. **Isso significa que, por trás de toda fábrica, de toda escola, de todo escritório, de toda mina, há o trabalho oculto de milhões de mulheres.** (FEDERICI, 2019. p. 68. grifo nosso).

A invisibilização do trabalho doméstico é parte estratégica para o poder público, é projeto de tirar a humanização desse trabalho, resumindo sempre como “lugar de mulher”, porque assim, é mais fácil para o capitalismo ocultar as horas e horas de trabalho de milhares de mulheres, porque afinal, esse é o espaço em que elas estão destinadas a estar. Se apoiando em justificativas infundadas para dizer que as horas de trabalho não remunerada seja apenas: que isso é ato de amor e que é da natureza feminina realizar. São com essas justificativas, apelando para o sentimento e para a biologização das mulheres que o capitalismo e o Estado se apropriam de tempo de trabalho feminino não-remunerado.

Dentro do espaço doméstico, o trabalho do cuidado e doméstico também não é reconhecido como tal, e tampouco apresenta algum tipo de pagamento. E é aqui que a invisibilização assume um espaço ambíguo dentro das fronteiras do público e privado. É no âmbito doméstico que as mulheres assumem grande parte das jornadas de trabalho reprodutivas, cuidando, limpando, cozinhando, organizando, realizando todo o trabalho de manutenção da vida. E tudo isso não é reconhecido como uma forma de trabalho, e sim como algo que as mulheres são destinadas a fazer.

A invisibilização que acontece dentro do doméstico tem um caráter ambíguo porque, ao mesmo tempo em que não é considerado um trabalho, são as mulheres que são cobradas e fiscalizadas o tempo todo para a realização dessas atividades. A exigência nem sempre é na conversa, as mulheres são atravessadas por diversos tipos de violência e invisibilização. A culpabilização é parte do ciclo. São ciclos de

violência que passam desde violência psicológica e patrimonial até violência física, e feminicídios. O trabalho doméstico não-remunerado dentro dos lares brasileiros é violento com as mulheres não só porque a deixa sobrecarregada, exausta e sem tempo para qualquer outra coisa, mas também porque machuca, viola, ameaça, agride, culpabiliza, maltrata quando as coisas não saem como o esperado.

Não à toa que os índices de violência doméstica no Brasil, em dados contabilizados¹⁰ no primeiro semestre de 2022, foram registradas mais de 30 mil denúncias, e quase 170 mil violações de violência doméstica contra as mulheres dentro do sistema da ONDH, Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos do governo federal. Mas os valores, com certeza, são muito maiores que esses, tanto por não ser o único canal de denúncia de violência doméstica, como também, muitas mulheres não denunciam por ameaça, medo, sensação de impunidade entre outros.

O trabalho doméstico não-remunerado é parte da vida cotidiana de milhares de mulheres, em que, mesmo que sejam invisibilizadas o tempo todo enquanto sujeitas e que não seja visto como trabalho, elas são cobradas por todo esse trabalho de cuidado, de manutenção e reprodução da vida, de forma como se fosse apenas obrigação delas a execuções e divisões das tarefas domésticas.

10 Dados coletados pela Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, e neles são considerados atos de violência física, sexual, psicológica, moral e patrimonial. Os dados são referentes ao primeiro semestre de 2022 e foram divulgados pelo governo federal e seu controverso Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. Digo controverso porque sempre serviu muito mais a bancada evangélica e servindo de palanque para pastoras, do que para discutir gênero e direitos humanos de forma efetiva e com seriedade, pensando caminhos e políticas públicas para nossos problemas reais. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar>> Acesso em: 08/12/2022.

3.2 ECONOMIA DO CUIDADO

A economia do cuidado é um nome “bonitinho” para o trabalho que é realizado principalmente por mulheres. É a ocupação de cuidados com atividades não remuneradas responsáveis pela sobrevivência, como a preparação de alimentos, limpeza da casa, limpeza das roupas, compra no mercado, cuidado com o bem-estar e com o cuidado de crianças, idosos e demais pessoas da família¹¹.

É um trabalho de manutenção do doméstico, de forma invisibilizada e não-remunerada. E se o trabalho do cuidado pode ser terceirizado a outra pessoa, geralmente mulheres negras, ele ainda é mal remunerado e sobrecarregado. Quanto mais tempo as mulheres gastam sendo responsáveis por todo trabalho em casa, menos tempo elas têm para se dedicar a si mesmas. A economia do cuidado atravessa as mulheres independentemente de classe social e raça, mas são as mulheres negras e empobrecidas que sofrem com a maior carga de trabalho doméstico e de cuidado. O cuidado é:

a gestão e a manutenção cotidiana da vida e da saúde, a necessidade mais básica e diária que permite a sustentabilidade da vida. O cuidado apresenta uma dupla dimensão. De um lado, é “material”, corporal, relacionado à realização de tarefas concretas com resultados tangíveis, ou seja, é atender ao corpo e a suas necessidades fisiológicas. De outro lado, é “imaterial”, afetivo-relacional, relativo ao bem-estar emocional. (OROZCO, 2012. p.54).

Especialmente no cuidado com crianças, idosos e outros familiares que precisam de cuidado, algumas mulheres constroem pequenas redes de apoio para auxílio, mas geralmente são outras mulheres. São sempre as mães, tias, irmãs, primas, vizinhas, filhas, amigas e etc. Existe uma responsabilização desigual pelos atos de cuidado (BIROLI, 2016) sendo sempre as mulheres as responsáveis por toda economia do cuidado.

A economia do cuidado atravessa distintas mulheres de múltiplas formas. Ela atravessa a raça e etnia, a classe social, a idade, a sexualidade, a economia do cuidado faz parte da vida cotidiana das mulheres. É cada vez mais necessário romper com a ideia de que o cuidado é sempre uma prática natural do feminino (FEDERICI, 2019). É preciso também ir além:

11 Definição retirada de Lab Think Olga, em Economia do Cuidado: como podemos visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado? Disponível em: <<https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>>

Cuidar, portanto, não é uma tarefa natural das mulheres. É uma construção histórica e que cabe a todas as pessoas e instituições que foram construídas no desenvolvimento histórico da humanidade. Uma nova ética de cuidado necessita de uma transformação do ser e do fazer humano. O cuidado necessita ser ensinado e aprendido nos diferentes ciclos da vida. Esse princípio ético que tem a ver com a existência humana e planetária necessita ser reinventado em nosso cotidiano pandêmico e inclusive ser considerado no modelo econômico. A vida é mais do que o mercado, baseado somente no capital. (ULRICH, LAPAZ, STRÖHER, 2020. p. 565)

Durante a pandemia de COVID-19 o trabalho de cuidados furou a fronteira da diferenciação com trabalho remunerado e se fundiu em uma maior sobrecarga das mulheres dentro de casa. Ao estarem trabalhando de maneira home office, por conta do isolamento social, elas ficavam em casa precisando produzir a mesma quantidade de horas trabalhadas nas empresas, sem considerar todo o trabalho do cuidado que elas estavam realizando nos horários de descanso. Denise Pimenta (2020) escreveu que: “toda pandemia é generificada, racializada e tem classe social, pode-se dizer que a crise do novo corona vírus no Brasil tem cara de mulher preta e periférica e, muitas vezes, deficiente”. E são essas mulheres que foram ainda mais sobrecarregadas com o trabalho doméstico não-remunerado durante a pandemia. Além do trabalho em casa, elas também ocupam trabalhos de “linha de frente”, como enfermeiras, técnicas de enfermagem, farmacêuticas, professoras, cozinheiras, diaristas, zeladoras, domésticas e etc. O trabalho “essencial” que não parou na pandemia, foi o trabalho de mulheres, em suas múltiplas jornadas de trabalho, ainda atravessadas por uma crise sanitária e social.

Na construção social e histórica, são as mulheres que são as protagonistas no trabalho do cuidado, e são elas que, desde o doméstico, são responsáveis pelas tarefas. Elas contribuem para o crescimento econômico do país, porque

se entiende la economía del cuidado como un ejercicio de corresponsabilidad entre Estado, empresas, comunidad y hogares para brindar bienes y servicios a la población; estos servicios son prestados dentro de los hogares y, en particular, son las mujeres quienes asumen las labores que generan beneficios en el desarrollo, bienestar, crecimiento y reproducción de la sociedad. (MALAVER; SERRANO E CASTRO, 2021. p.154).

A dimensão do cuidado e da reprodução pauta a economia como um todo, deveria ser responsabilidade do Estado, juntamente com o mercado de trabalho, instituições, etc., porque a economia do cuidado impacta fortemente as jornadas de trabalho. O trabalho do cuidado é desvalorizado e invisibilizado por empresas, pelo Estado, sempre deixado de lado porque não é visto como um trabalho.

A Oxfam, em seu relatório: Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade¹² (2020), fez uma estimativa em que o trabalho feminino não-remunerado seja próximo aos 11 trilhões de dólares por ano na economia mundial. Nesse mesmo relatório, foi possível também quantificar as horas de que mulheres e meninas, no mundo todo, dedicam diariamente ao trabalho do cuidado não remunerado, cerca de 12,5 bilhões de horas. Foi possível também, com o mesmo relatório, saber que as mulheres e meninas são responsáveis por mais de $\frac{3}{4}$ do cuidado realizado no mundo todo de forma não remunerada. Mas em casos de trabalhadoras assalariadas do cuidado, mulheres representam $\frac{2}{3}$ da força de trabalho.

A maioria das mulheres não recebe absolutamente nada com o trabalho de cuidado, mesmo dedicando muitas horas semanais, e que esteja no centro das jornadas de trabalho. O fato da não-remuneração faz com que se reproduza a desigualdade econômica e de gênero. Por isso, também, o trabalho de cuidado é uma questão econômica importante. Não só pelo valor econômico que ela representa para os países, mas porque o trabalho de cuidado e da reprodução feito por milhares de mulheres no mundo todo, pauta a economia como um todo.

E mesmo que o trabalho doméstico e o trabalho do cuidado seja remunerado, com contratação de uma pessoa para cuidar dessas dinâmicas dentro das casas, são majoritariamente mulheres negras e empobrecidas. Mesmo tendo um vínculo empregatício, muitas vezes são condições de trabalho de exploração, é mal pago, e muitas vezes elas dedicam mais horas do que foram contratadas. Ou seja, as mulheres são o centro do trabalho doméstico e do trabalho do cuidado. Seja de forma remunerada ou não, são elas que desempenham todos os papéis.

São horas e horas dedicadas ao cuidado e ao trabalho doméstico, a economia do cuidado é essencial para o capitalismo e para a sociedade, e

os cuidados são um ponto estratégico a partir do qual é possível questionar a perversidade de um sistema econômico que nega a responsabilidade social na sustentabilidade da vida, e cuja manutenção precisa da exclusão e da invisibilidade – heterogênea e multidimensional – de múltiplos coletivos sociais. (OROZCO, 2012. p. 85).

12 Oxfam é uma organização que atua buscando soluções para pobreza e desigualdades sociais, e realizou em 2020 um relatório: Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade, e divulgado em forma de boletim informativo, dados referentes ao trabalho de cuidado e riqueza do mundo. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>> Acesso em: 07/12/2022

Ao contabilizar o tempo das atividades na vida cotidiana, uma nova preocupação surge, contabilizar não apenas o tempo gasto em trabalho remunerado, mas também, contabilizar o tempo de trabalho não remunerado (VALENZUELA; SCURO; VACA TRIGO, 2020). A reprodução social foi deixada de fora do ciclo do capital (FEDERICI, 2021), conseqüentemente, foi deixada de fora da atividade econômica, e o efeito disso na vida social e cotidiana é a reprodução das desigualdades de gênero, invisibilização social, desvalorização, marginalização e superexploração do trabalho feminino no cuidado. O fato de o trabalho doméstico, da maternidade e do cuidado não ter um valor – salário, é parte do problema da continuação das desigualdades de gênero. São as mulheres em todo o mundo que mantêm a reprodução da vida por meio de seus trabalhos não-remunerados.

El trabajo de cuidado está básicamente a cargo de las mujeres en el mundo, tanto en la cantidad de horas dedicadas como el número de personas que lo realizan. La mayoría de los hogares dependen para el cuidado del trabajo no remunerado de las mujeres. (...) Sin embargo, el tiempo asignado por mujeres y hombres al trabajo doméstico y de cuidado sigue siendo desigual. El tiempo adicional dedicado al trabajo no remunerado también se refleja en las restricciones que enfrentan las mujeres sobre el tiempo dedicado al ocio, la educación, la participación política y el autocuidado. (VALENZUELA; SCURO; VACA TRIGO, 2020. p.13).

São muitas horas da vida dedicadas ao cuidado de outras pessoas, que acabam negligenciando o cuidado com elas mesmas. Primeiro porque não sobra tempo, e quanto sobra tempo, geralmente existem outras prioridades que não envolvam o cuidado consigo mesma. As múltiplas jornadas de trabalho são tão exaustivas e sufocantes, que não sobra tempo para o autocuidado. As ausências aqui também são múltiplas: ausência de uma iniciativa e discussão na vida pública de como dimensionar a economia do cuidado, ausência de salário, ausência de políticas públicas para mediar as desigualdades, ausência de tempo, ausência de autocuidado, ausência nos espaços de descanso e etc. O cuidado é tanto, o tempo todo, que não acaba sobrando tempo para que elas trabalhem o cuidado para si.

3.3 ESPECIFICIDADES DE UMA CIDADE DE FRONTEIRA - FOZ DO IGUAÇU/PR



Maria Eduarda Balbinot (1998)
fronteira, 2022
Fotografia digital

A tríplice fronteira mais conhecida e singular da América Latina é composta por Brasil, Paraguai e Argentina, um lugar de terras vermelhas e de muita água, faz com que essa região seja conhecida e tenha particularidades que a transformam num substantivo, “A tríplice fronteira”. Essa fotografia que abre este subcapítulo, é parte de uma das paisagens da *fronteira*, o mural fica na cabeceira da Ponte Internacional da Amizade, principal acesso entre Brasil e Paraguai. Quem cruza a ponte diariamente observa a frase “*nacimos de muchas madres, pero aquí sólo hay hermanos*” em espanhol, português e guaraní, as três línguas faladas na fronteira. O mural faz parte de um projeto chamado “Diálogos da Fronteira”.

A região da tríplice fronteira é formada por três países e suas respectivas cidades: Brasil - Foz do Iguaçu, Argentina - Puerto Iguazú, Paraguai - Presidente Franco, Ciudad Del Este e Hernandarias. O conceito de tríplice fronteira foi construído ao longo dos anos e foi tomando força e se tornando popular a partir de 1990.

É preciso pensar a tríplice fronteira como uma região única, um espaço que se conecta e interconecta pessoas, culturas, línguas e histórias. O que faz dessa

fronteira a principal da América Latina é a circulação de pessoas e de mercadorias. A região então é classificada como:

uma região interconectada, caracterizada pela diversidade cultural decorrente da presença de pessoas de origens distintas, articulada transnacionalmente e movida por uma economia comercial baseada em fluxos de produtos e pessoas, que muitas vezes se inscrevem fora da legalidade. (RABOSSI, 2011, p. 41).

O que faz dessa fronteira ser 'A' tríplice fronteira é a diversidade cultural, de pessoas, de territórios, de comércio, de águas e de fluxos. A singularidade dessa região tri nacional é muito para além do achismo e das suposições sobre o que acontece nessa região de fronteira, mas sim o potencial econômico, tecnológico, e a diversidade que fazem parte de um território único. A fronteira mais movimentada da América Latina é muito para além de muambas, comércios ilegais, e influência de grupos terroristas, é um espaço de crescimento, de integração de povos e culturas, de diversas línguas faladas, uma região única e banhada por águas. E é assim que se transforma um espaço geográfico como a tríplice fronteira em um substantivo próprio.

Entender o território não só como um espaço que tem limites preestabelecidos por fronteiras, mas também entender que é uma delimitação de "nós" e os "outros" (OLIVEIRA, 2017). Então, é também um espaço político, onde existem diversos fatores que determinam esse espaço, sejam eles econômicos, culturais e políticos, e toda essa especificidade contribui para as condições de desigualdades, subordinação, exploração e subalternização (OLIVEIRA, 2017) principalmente de mulheres.

A fronteira é um espaço dinâmico e singular, é um espaço de troca e comunicação, tensão e conflito (MACHADO, 2006) e de muita mobilidade. Seja pelo fluxo de turistas e moradores, ou ocasionado pela migração pendular, na dinâmica fronteiriça esse movimento é muito comum, seja para trabalho, estudos, etc. Acontece também a busca por melhores condições de vida dos países vizinhos, encontrando trabalhos e ocupações em supermercados, lojas, moto táxis, empregadas domésticas, pedreiros, ambulantes, lavadores de carro (GOMES; AQUINO, 2021). O trabalho doméstico remunerado, porém em muitas das vezes em péssimas condições de trabalho, sem registro, sem direitos, é uma das maiores ocupações de mulheres paraguayas em Foz do Iguaçu (GOMES, 2019).

Todos os trabalhos e ocupações descritas são, em sua maioria, trabalhos mal remunerados, precarizados, superexplorados e informais. Dentro do contexto da tríplice fronteira, a migração é uma forma de movimento entre as fronteiras, e vemos trabalhadores se movimentando de um país a outro, com um objetivo claro: vender sua força de trabalho. (GOMES; AQUINO, 2021). Entender as dinâmicas da fronteira é também entender as dinâmicas migratórias e o caráter informal e explorado do trabalho para migrantes. A ausência de direitos e ingressos básicos impacta a vida das trabalhadoras na fronteira (GOMES, 2019) e a territorialização dos grupos e das redes de circulação, mesmo que se intercambiam no processo de trabalho, pertencem a diferentes poderes territorial (MACHADO, 2006), justificando assim a singularidade e dinâmica das relações fronteiriças.

A tríplice fronteira é um espaço de câmbios, mudanças e transformações que envolvem a compreensão dos fenômenos que a envolvem (OLIVEIRA, 2017), então é possível também entender a reprodução das relações de poder do patriarcado e do capitalismo operando nas dinâmicas da fronteira, em relação aos trabalhos, devido às múltiplas possibilidades culturais, econômicas, políticas, etc., as relações patriarcais e de desigualdade de gênero encontram um lugar propício para operar (OLIVEIRA, 2017), consolidando as relações de exploração entre sujeitos.

4. AUSÊNCIAS-SENTIDAS & AS DINÂMICAS COTIDIANAS DAS JORNADAS DE TRABALHO

A ausência é um substantivo feminino para além das definições de dicionários, em que: *1. Afastamento temporário de alguém do domicílio, dos lugares que frequenta etc. 2. Estado, particularidade ou condição de ausente, não-presente.* A ausência é sentida também no íntimo, no privado, no doméstico. As exaustivas jornadas de trabalho em que mulheres são responsáveis dentro de casa faz com que elas vivenciem a não-presença nos espaços.

As mulheres praticamente não têm momentos de descanso, de autocuidado, de diversão, porque as múltiplas jornadas de trabalho em que são inseridas são tão violentas que sufocam, cansam e causam exaustão. É preciso sempre estar atenta e disponível por todos os cuidados domésticos, ao afeto, a criação, ao sexo que não sobra tempo (e nem espaço) para que elas descansem e ocupem lugares de lazer dentro de suas próprias casas. O caráter invisível do trabalho doméstico não-remunerado também faz com que o sentimento da ausência seja sentida apenas no individual e no íntimo.

A invisibilização social do trabalho doméstico não-remunerado é tão forte, e será que conseguimos sentir a ausência de mulheres em determinados espaços? Ou reparar na presença delas no dia a dia em uma cidade fronteira?

E assim, demonstrar e sentir por meio de imagens espaços em que as mulheres não estão presentes por conta de suas jornadas de trabalho, ou até mesmo estão presentes dentro de seus trabalhos, mas não são vistas, porque ocupam espaços inviabilizados que a divisão sexual do trabalho destinou a elas. E sentir experimentar registrar em imagens, por meio da fotografia, a ausência e a presença dentro das dinâmicas de trabalho, e as mãos de mulheres como instrumento de trabalho em uma cidade de fronteira, a partir da vivência do cotidiano em Foz do Iguaçu/PR

As imagens possuem um grande potencial de representação social e instrumento analítico dentro das Ciências Sociais por meio da sociologia visual. A fotografia é um poderoso e importante instrumento metodológico. O registro do não-dito, de Silvia Cusicanqui, entende que as imagens nos oferecem diversas narrativas sociais e interpretações que ajudam a nossa compreensão crítica da realidade, e que a imagem e a palavra fazem parte de metodologias e práticas pedagógicas.

A imagem vem, como parte do entendimento da dimensão invisível do trabalho doméstico não-remunerado, como a fotografia tem um potencial visual e imagético, é possível tornar visível fenômenos sociais que por muitas vezes, são deixados escondidos nos rincões da sociedade, e nesse caso, também escondida no privado, doméstico, na cozinha. A falta da presença das mulheres em espaços em que elas não conseguem desfrutar por conta da sobrecarga de tarefas e trabalhos domésticos, a presença delas em espaços públicos, seja trabalhando ou no deslocamento entre trabalho-casa, e as mãos responsáveis por trabalhos domésticos e de cuidado, são os pontos centrais dessa coletânea de fotografias.

As imagens nos oferecem diversas narrativas sociais e interpretações que ajudam a nossa compreensão crítica da realidade, a imagem e a palavra fazem parte de metodologias e práticas pedagógicas (CUSICANQUI, 2018). A fotografia é também a necessidade de representar, seja visualmente, algo. Quando lidamos com a dimensão invisível de um fenômeno social, a fotografia auxilia na exposição dos fatos, e nesse caso, a ausência das sujeitas em lugares e espaços de lazer. O capitalismo se beneficia das ausências e do não-visto, a sociedade se move com o indizível e o invisível, e nos resta compreender se no visível, há indícios do invisível (MARTINS, 2008). E como a ausência se faz presente dentro das relações de jornadas de trabalho.

Esse capítulo será a construção visual desse trabalho, aqui apresentarei a série de fotografias AUSÊNCIA-SENTIDA que será dividida em três: ausência, presença e as mãos como ferramenta. Foram utilizadas fotografias documentais, para retratar a vida cotidiana da fronteira, e uma entrevista etnográfica com uma mulher e sua filha, ambas moradoras de Foz do Iguaçu e trabalhadoras manuais, acompanhadas de registro fotográfico.

O trabalho de campo foi realizado em quatro espaços distintos, três na vida cotidiana pública, e uma sessão no íntimo-privado de uma família de artesãs. Foram escolhidas algumas locações para as fotografias em base do fluxo da cidade para retratar o movimento, a permanência e a ausência de mulheres no espaço público. E por último, uma locação com uma sessão de fotografias mais intimista, com a rotina de trabalho de duas mulheres, mãe e filha.

O primeiro dia foi reservado ao centro de Foz do Iguaçu/PR, na Av. Brasil, conhecida por ser o polo de lojas da cidade, e onde conseguimos observar um fluxo muito grande de turistas, moradores e trabalhadores. Onde é também lugar de

trabalho informal de muitas mulheres, espalhadas com suas barraquinhas vendendo artigos importados das cidades vizinhas, Ciudad del Este/PY e Puerto Iguazú/ARG, como meias, roupas, artigos eletrônicos, erva mate para tereré, yuyos (ervas paraguayas), azeite, doce de leite, panos de prato e alfajores.

O outro lugar é a cabeceira da ponte da amizade, divisa entre Brasil e Paraguay, conhecida por seu fluxo de milhares de carros e pessoas cruzando a fronteira todos os dias. Onde pude observar o fluxo de mulheres, acompanhadas de outras mulheres ou de seus filhos, cruzando a fronteira após um dia de trabalho ou um dia de compras no país vizinho.

Outro ponto escolhido foi o terminal urbano no centro da cidade em um fim de tarde, onde é possível observar as mulheres após um dia de jornada de trabalho, possivelmente indo para a casa, trabalho, ou faculdade, continuando as múltiplas jornadas de trabalho presente nas rotinas de mulheres. E por último, o espaço de trabalho de duas mulheres que se dedicam há anos ao trabalho manual, uma costureira, a outra artista visual, com uma série de fotografias intimistas, retratando o cotidiano de quem as mãos são a principal ferramenta de trabalho, dentro e fora do produtivo.

A sociologia, e também a antropologia, tem cada vez mais usado de registros visuais, seja em fotografia ou vídeo, como fonte e registro factual de informações sobre a realidade social (MARTINS, 2008). Ao produzir imagens a fins de produzir conhecimento sociológico é parte do projeto de trazer o invisível do trabalho doméstico não-remunerado e as múltiplas jornadas de trabalho, para o visível da fotografia, estabelecendo relações entre a história e memória dessas mulheres com a região de fronteira em que vivem.

A fotografia vista como um conjunto narrativo de histórias, e não como mero fragmento imagético, se propõe como **memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos**, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. **Memória das perdas. Memória desejada e indesejada.** Memória do que opõe a sociedade moderna à sociedade tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece. Memória de uma sociedade de rupturas, e não de coesões e permanências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, **de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias**, de uma sociedade mais de estranhamentos do que de afetos. (MARTINS, 2018. p.45. grifo nosso)

A fotografia é parte de mim, e não poderia ficar de fora da construção desse trabalho. É um instrumento em potencial para registrar as dinâmicas, documentar a presença, e tornar visível a ausência, baseado na experiência do que é o trabalho e jornadas de trabalho para mulheres, mas que ao mesmo tempo, não é passível de registro (GOMES, 2015), mas é passível de memórias. E para mim, produzir imagens afetivas, documentais e de rua é parte da identidade. As imagens registradas para esse trabalho mexem com memórias e vida cotidiana, toda a composição das cores – ou a ausência dela, do granulado trazendo textura as imagens, do movimento, da pele, das marcas, falam de um lugar de sentimento dentro de mim.

Muito do processo da invisibilização das relações de trabalho doméstico não-remunerado e das múltiplas jornadas é “irregistrável” em imagem (GOMES, 2015), parte porque são atividades que passam por diferentes processos de invisibilização, tanto social, como também da própria pessoa responsável entender como um trabalho. Com isso, o visual se torna cada vez mais indispensável no fazer sociológico e dos fenômenos sociais (MARTINS, 2008).

Essa série fotográfica foi também uma tentativa de estampar em imagens as contradições sociais e políticas que mulheres enfrentam em diferentes espaços, no público e no privado, onde consigo transformar a ausência em presença. Utilizando instrumentos imagéticos, como a fotografia, para mostrar o que muitas vezes não é visto, mas é sentido. E utilizando de que

[...] **a composição fotográfica é também uma construção imaginária, expressão e momento do ato de conhecer a sociedade com recursos e horizontes próprios e peculiares.** Os chamados fotógrafos e documentaristas sociais são hoje produtores de conhecimento social, o que torna a fotografia e o documentário, praticamente, um campo auxiliar das ciências sociais. [...] **A fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social.** (MARTINS, 2008. p. 11. grifo nosso)

As dinâmicas da vida cotidiana fronteiriça e das jornadas de trabalho, aqui serão representadas de forma descritiva imagética, afins de utilizar como forma de compreender e conhecer a atuação de mulheres na região. Por meio de fotografias produzidas de forma documental para tratar como as dinâmicas de trabalho na fronteira é um movimento que tem gênero e raça. A sociedade se move, também, a partir do invisível (MARTINS, 2008), e trazer fotografias que causem impactos visuais sobre o território e sobre quais espaços existem a presença e a ausência das mulheres é tornar visível a dinâmica das jornadas de trabalho delas. Aqui serão

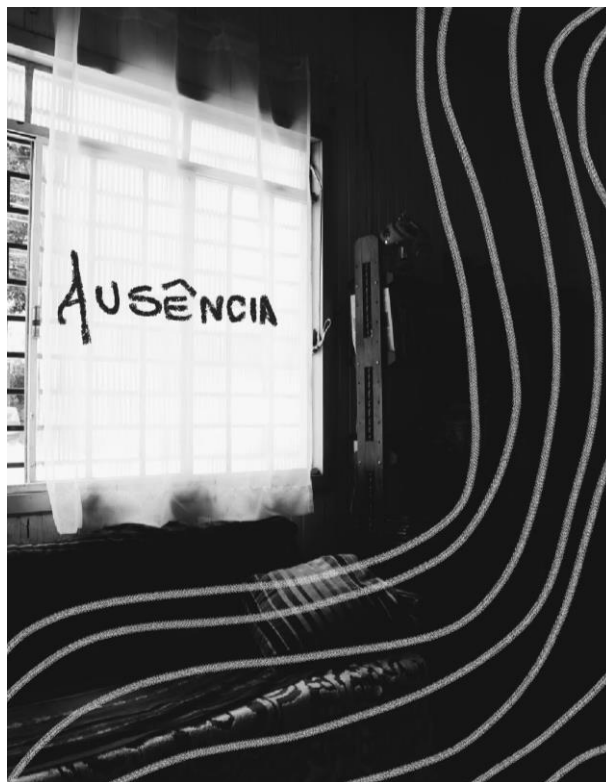
representadas por meio de uma série fotográfica, retratando a ausência em espaços públicos e privados, e que mesmo que estão ali, presentes, são trabalhadoras não reconhecidas e não vistas. São parte da paisagem fronteiriça e mesmo assim, diariamente, são sujeitas invisibilizadas. E a presença de mulheres em espaço de fluxo, movimentos, e de trabalho.

Os próximos subcapítulos são os resultados do trabalho de campo fotográfico, onde serão descritas e analisadas as imagens, com a história, os impactos, os movimentos, as cores – e a ausência delas, e o que elas me transmitiram, tanto na escolha do momento para fotografar, ou na decisão de definir quais fotos fariam parte desta série fotográfica. A série de fotografias surgiu a partir da construção deste trabalho, foi a partir das considerações teóricas e leituras para a escrita do TCC que fui as ruas em busca de registrar a ausência, a presença, os movimentos urbanos, considerando sempre a partir das jornadas de trabalho. Com exceção de fotografias da jornadas militantes, em que essas sim, já faziam parte do meu acervo de anos atrás. Mas que não podiam ficar de fora da construção desse trabalho.

Enquanto fotógrafa, esse espaço de análise das minhas próprias fotografias não é um lugar que eu goste de estar. Não porque, às vezes, é muito complexo escrever sobre nós mesmas – até porque essa criação é parte de quem eu sou, e dar valor para nossas próprias produções – que inclusive esse sentimento de não-suficiência é também um espaço feminino¹³. Mas também porque eu gosto de criar diversas sensações com as fotografias, aguçar a curiosidade e as interpretações e reinterpretções possíveis dentro da leitura de uma imagem, e não apenas delimitá-las a minha interpretação e leitura sobre elas, do lugar de quem produziu. Então, convido também a que criem as próprias (re)interpretações dessas imagens, criando possibilidades e encarando todos os sentimentos que elas podem causar. Transformar e reinventar a forma como observamos o cotidiano representado nessas fotografias é também compreender uma nova dinâmica na interpretação e no sentir do potencial das imagens. Vamos juntas?

13 Esse sentimento de não confiar em nós mesmas e não se sentir suficiente é um sentir feminino, mas não só. Digo porque é sempre nós que somos postas em dúvida, desmoralizadas, descredibilizadas em absolutamente tudo que fazemos. Desde a arte, a nossos trabalhos, a momentos de descontração, criação de filhos, etc., somos sempre questionadas em tudo que fazemos, gostamos, estudamos e criamos. A socialização de gênero é muito cruel para nós.

4.1 AUSÊNCIA



Maria Eduarda Balbinot (1998)
a.u.s.ê.n.c.i.a, 2022
Fotografia digital & desenho digital

Escolhi essa fotografia com uma intervenção em desenho digital para marcar o começo da série de fotografias porque ela foi representativa para mim nesses dias de construção das imagens de campo. A foto em questão é a sala da casa de uma das retratadas, e é um espaço de aconchego e de descanso, e desde o começo, minha motivação com essa série de fotografias é também tornar visível a ausência desses momentos para as mulheres dentro das jornadas de trabalho. Não é um espaço em que as mulheres responsáveis pelo trabalho doméstico não-remunerado costumam ocupar em suas casas.

A escolha de uma imagem com sombras marcadas e escuras, e a escolha de deixar a foto sem cor, em preto e branco, foi para criar uma sensação visual de imensidão, de vastidão. Esse espaço, por vezes, ainda é muito inexplorado na dinâmica do dia-a-dia. A intenção com o desenho digital foi também trazer essas linhas incompletas que não se cruzam, mas causam movimento, remetem a ondas e o sentimento de imensidão com a escolha das sombras na foto se junta com a imensidão das ondas gráficas. O lembrete de que sempre estamos em movimento.

A ausência aqui nessa série fotográfica é marcada pela não-presença, no maior sentido da palavra, mas também pela presença não vista, causada pela invisibilização social das mulheres fotografadas. Seja em seus espaços de trabalho, em casa ou nas ruas.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
passo por aqui todos os dias, e não me lembro dela, 2022
 Fotografia digital

A fotografia tem o potencial de dizer coisas para além das palavras, produz sensações e nos leva a lugares de memória, de aconchego, de desconforto, inconformidades, etc. Ao olhar para essa foto, talvez a primeira coisa que venha na cabeça é a memória cotidiana das ruas da fronteira. Uma barraquinha com produtos tipicamente fronteiriços, como azeitonas, azeites, alfajor e doce de leite argentino, desodorantes e erva mate paraguaya, panos de pratos com estampas tipicamente brasileiras: versículos bíblicos, frutas e meninas estampam o tecido, e por aqui tem até farinha pré-cozida para fazer arepas, prato tipicamente colombiano. E que por trás desse carrinho, está uma mulher que trabalha todos os dias, no mesmo ponto da Av. Brasil em Foz do Iguaçu/PR. A presença de cores quentes na foto nos ajuda a remeter esse espaço de memória e lembrança, e a cadeira vazia, acompanhada de um

banquinho que ali repousa um caderno de anotações, nos remete a ausência de alguém que deveria estar e não está.

O nome dessa fotografia, propositalmente escolhido, é: *passo por aqui todos os dias, e não me lembro dela*. Porque a ausência se faz também na presença, e nesse caso, a mulher em questão trabalha na mesma avenida todos os dias, e ainda assim a quem não a enxergue enquanto pessoa.

A ausência nesses casos é causada pela invisibilização dessas mulheres. A divisão sexual.racial.social do trabalho determina espaços em que elas podem estar, é a forma de organização e de divisão do trabalho decorrente das relações sociais (HIRATA; KERGOAT, 2007) pautadas por raça, classe e binaridade dos sexos. A divisão assegura os lugares de trabalho na sociedade, enquanto alguns ocupam espaço de funções que representam maiores “valores sociais”, deixando outras em trabalhos reprodutivos, informal, em trabalhos com “menor prestígio”. O resultado é a invisibilização, porque não são vistas ou notadas nas ocupações do dia a dia, mesmo que estejam presentes diariamente nos seus espaços de trabalho. A ausência também pode ser sentida na presença.

A foto abaixo, chamada de *retratos de família*, é o espaço de trabalho de uma mulher que é costureira há quase 50 anos, trabalhando na mesma ocupação com seu instrumento de trabalho: a máquina de costura. O espaço da ausência aqui é representado pela cadeira vazia, o uso do preto e branco foi uma estratégia para trazer certo aconchego para os retratos de família. A fotografia recebeu esse nome não só pelos retratos da família pendurados na parede em frente ao local de trabalho dela, mas também porque é o retrato da ocupação e o lugar de trabalho de muitas mulheres brasileiras.

Os carretéis de linha dividem espaços com fotografias de família e de uma viagem como recordação em frente a um lugar onde ela passa boa parte de sua jornada produtiva sentada costurando na máquina. Essa fotografia é também sobre a ausência que se faz presente, e nesse caso, se mescla nas jornadas, porque essa ausência não foi causada por um momento de descanso ou de fim de trabalho, e sim é atravessada pela jornada do cuidado e do trabalho doméstico. Ela não está presente no seu local de trabalho produtivo porque a dinâmica de trabalho doméstico e do cuidado dela determinam o seu trabalho produtivo.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
retratos de família, 2022
Fotografia digital

A fotografia pode ser uma representação do real, ou uma fragmentação do real. No caso dessa série, é a simbiose das duas. Não se pode esquecer que meu olhar sobre o fenômeno do cotidiano das mulheres em uma cidade de fronteira é também de uma mulher moradora desse espaço. Eu represento e documento o real com essas fotografias, porque as cenas não foram posadas ou, se quer, dirigidas, elas representam exatamente o que pude acompanhar nesses dias de trabalho de campo, mas é a fragmentação do meu olhar sobre o fenômeno.

As fotografias podem mexer com o íntimo, com as memórias, desde a composição, até na escolha da pós-produção, dar textura à foto por meio do granulado, ajustar as cores, fazer recortes para enfatizar outros planos. As possibilidades são grandes e o fazer fotográfico também.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
incômodo, 2022
Fotografia digital

Essa fotografia pode apenas parecer uma cadeira perdida numa sala, e no fim, é exatamente isso. Uma cadeira vazia, uma ausência que contrasta com a parede preenchida com arte. Ao observar esse espaço íntimo, doméstico, de uma das mulheres, porém vazio, me fez refletir que até mesmo nos espaços que causam certo incômodo é combustão para a criação e a reflexão de quais espaços as mulheres ocupam dentro de suas casas?

Espera, cansaço, vazio, não-ocupado. *Incômodo*. O simples ato de sentar um pouquinho durante a rotina do cotidiano para descansar as pernas, me parece que não é um espaço que essas mulheres conseguem desfrutar dentro de suas casas. A cadeira está ali posicionada para o outro. A escolha do nome *incômodo* parte de dois lugares: o incômodo inicial que senti ao olhar essa foto, por parecer um lugar não tão aconchegante, e mesmo assim desocupado, e o real sentimento de incômodo ao ver que as mulheres são responsáveis por uma carga horária imensa durante os dias, e mesmo assim, não conseguem estar em espaços, mas que segue ali arrumado e

organizado para o outro desfrutar. Até mesmo nos lugares de incômodo, se sente a ausência.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
não-comparecimento, 2022
Fotografia digital

Essa é a versão mais aconchegante da fotografia que abre essa parte da série. O espaço, um sofá próximo a janela com luz natural entrando e uma estante de madeira com livros fazem parte da sala de estar. Mas que, ironicamente, nunca estamos. A fotografia, de tons amarelados, representa um possível espaço de descanso. Um sofá com uma almofada para se jogar e descansar em qualquer momento do dia, ler um livro, olhar as redes sociais, assistir TV ou fazer coisas que não envolva trabalhar. Mas não é assim que acontece. A dinâmica das múltiplas jornadas de trabalho é muito violenta com as mulheres porque sobrecarrega tanto de trabalho, mas não assegura as horas de descanso.

Ao definir as jornadas de trabalho, Marx em *O capital*, considera a necessidade do descanso, mas estas jornadas foram definidas e conceitualizadas se referindo aos homens assalariados, que têm todo o sistema para eles, mas não existe sequer menção sobre as mulheres para quem o descanso é sempre negado. São eles que ocupam os espaços de descanso em casa ao chegar da rotina de trabalho produtiva. As mulheres, mesmo as que trabalham fora do doméstico, ao chegar em casa, não são elas que vão para frente da TV esperar a janta pronta enquanto assistem qualquer coisa. O *não-comparecimento* é porque dentro dos próprios espaços de aconchego da casa, a ausência é sentida e marcada.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
falta, 2022
 Fotografia digital

O mesmo espaço de trabalho de *retratos de família*, mas observado de um outro ângulo e com uma proposta da ausência física marcada e determinada pelo trabalho doméstico e do cuidado.

A *falta* aqui é somente a de uma mulher que precisou se ausentar do trabalho para cuidar de um ente familiar, para cozinhar e garantir o almoço da família. Mas, as sacolas ao fundo, a pilha de roupa e tecidos no canto direito, mostram que mesmo que a mulher se ausente do seu trabalho para exercer outros trabalhos, a sala segue acumulada de trabalho, segue tendo a presença das jornadas de trabalho se mesclando e rompendo as fronteiras, porque eles não se desassociam.

4.2 PRESENÇA



Maria Eduarda Balbinot (1998)
fluidez, 2022
Fotografia digital

A construção dessa série fotográfica também me permitiu ressignificar as paisagens e as mulheres fronteiriças. Colocar meu olhar e minha atenção para captar essas dinâmicas na fronteira criou uma nova leitura da cidade e da relação dessas mulheres com o espaço onde vivem, trabalham, cuidam, exploram e sentem. Andar pelas ruas em constante observação, analisando e registrando as sujeitas que fazem a rotina na fronteira ser o que ela é, é parte interessante do processo.

Fluidez é sobre os movimentos e fluxos fronteiriços que mulheres são protagonistas na vida cotidiana, a longa exposição foi utilizada para trazer movimento, fluxo, pressa, lugar de movimento em um dos espaços mais movimentados da fronteira, a cabeceira da Ponte Internacional da Amizade.

A fronteira tem suas próprias especificidades de uma cidade que a maior proximidade geográfica é com duas cidades de países diferentes, faz com que ela tenha um fluxo diferente das jornadas de trabalho. Muitas mulheres moram em um país, mas estudam ou trabalham no outro, então ocorre uma migração diária para esse deslocamento. A presença nessa série é sobre os fluxos e deslocamentos nas

dinâmicas fronteiriças, as fotografias foram feitas em três espaços centrais, com a movimentação alta de mulheres em seus locais de trabalho nas barraquinhas na Av. Brasil, ou fotografando o movimento e o fluxo de mulheres no Terminal Urbano da cidade, e na cabeceira da Ponte Internacional da Amizade, fronteira com Ciudad del Este/PY.

Aqui a presença é marcada por fotografia de mulheres nas dinâmicas cotidianas de trabalho-estudo-descolamento na fronteira, dimensionando as distintas e múltiplas jornadas de trabalho por meio do visível da fotografia. Como é também um trabalho documental, os possíveis rostos de mulheres fotografadas aqui, serão cobertos por desenhos digitais, a fim de manter o anonimato e preservar a identidade delas. Essa série é também multi-artística, utilizando de distintas formas de expressão para visualizar o fenômeno.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
permanência, 2022
 Fotografia digital & desenho digital

A *permanência* é também sobre a presença. O trabalho informal¹⁴ é parte das dinâmicas de trabalho da fronteira e de toda latinoamérica. A foto representa uma

14 Trabalho informal, segundo a OIT, é todo trabalho que não possui vínculo empregatício ou registros formais, mas é remunerado. O trabalho informal engloba autônomos, feirantes, diaristas, motoristas de aplicativo, etc.

relação de trabalho informal, ela é feirante e vende seus produtos em uma das avenidas mais movimentadas da cidade e não tem nenhum tipo de segurança empregatícia. Segundo a OIT¹⁵, as mulheres no trabalho informal representam mais de 21% no índice de informalidade, que no país beira a 46%, é também um lugar de presença feminina.

Na fotografia, ela aparece apresentando seus produtos a uma possível cliente, no meio da manhã no centro de Foz do Iguaçu/PR, explicando calmamente quais produtos oferece e quais são as origens dos produtos que vendem. A fotografia em preto e branco nos mostra para além da presença física, mas também a presença e a permanência no trabalho informal. A ideia de trazer outros elementos externos, como um raminho de folhas, é parte do exercício de não identificar essas mulheres, mas ao mesmo tempo, não despersonalizar sujeitas que já são tão invisíveis nas dinâmicas de trabalho.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
ato de acompanhar, 2022
 Fotografia digital

O *ato de acompanhar* é a forma mais presente nas fotografias desse trabalho. Em muitas fotos, são mulheres acompanhadas, em sua imensa maioria, por outras

15 Dados retirados do relatório da OIT - Organização Internacional do Trabalho chamado: Mulheres e homens na economia informal: uma foto estatística, de 2018. E o resultado foi que no Brasil, o índice de informalidade no emprego total é de 46%, sendo maior entre os homens (37%), do que entre as mulheres (21,5%) no setor informal.

mulheres. E mesmo que não estivessem com outras mulheres, eram com crianças que estavam. A presença também se faz nas relações de cumplicidade e companheirismo para apoio/suporte de companhia a outras mulheres.

Na fotografia, é um cruzamento da Av. Brasil, onde passam centenas de pessoas todos os dias, nos dias quentes de Foz do Iguaçu, em que duas trabalhadoras da região se acompanham na rotina de trabalho, uma com seu carrinho de açaí, e outra com frutas e verduras. Cadeiras postas lado a lado, e dessa vez, com a presença de duas mulheres trabalhando, e então, ocupando elas em um espaço público, espaço este que faz parte da paisagem e da dinâmica do trabalho delas.

As mulheres estarem acompanhadas nas fotografias desta série é parte recorrente da presença. É interessante por um lado elas estarem acompanhadas, são redes e comunidades de apoio construídas no acompanhamento de uma com a outra. Mas por outro, existe a socialização de gênero que nos ensina por toda uma vida que devemos estar acompanhadas, mas não só, o medo e a insegurança de andar na rua e ser mulher é um fator forte a se considerar. A socialização nos ensina a sempre precisarmos da presença de alguém, e dentro de uma lógica heterossexual e patriarcal, é preciso a presença de um homem. Mas não só, a violência de gênero, os abusos, os medos e o território de insegurança que muitas vezes é andar na rua desacompanhada, faz com que esse fortalecimento entre mulheres seja parte da presença na vida cotidiana delas. O acompanhamento é uma construção também das nossas comunidades de apoio.

É parte da presença se fazer presente. A rotina do dia a dia das mulheres por muitas vezes já é bastante solitária, é cansativa e é correria. A fotografia abaixo leva o nome de *quem ou o que acompanha*, é sobre o acompanhamento diário, a ajuda, as redes de apoio. Duas mulheres caminhando juntas por uma das avenidas principais da cidade, com um bebê no colo, mostra que as redes de apoio e a ajuda, geralmente, vêm de outras mulheres.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
quem ou o que acompanha, 2022
 Fotografia digital



Maria Eduarda Balbinot (1998)
efeito de companhia, 2022
 Fotografia digital

As dinâmicas de fronteira para as mulheres também podem ser solitárias, mas a construção dessa série fotográfica me mostrou que também é em outras mulheres, que muitas vezes encontramos o apoio, a companhia, o afeto e o cuidado. Sempre que vejo o questionamento de que as mulheres são as maiores responsáveis pelo cuidado, mas quem é que cuida delas? A única resposta que me vem na cabeça como possível é: outras mulheres. São as redes de apoio, normalmente formada por outras mulheres, são as amigas, as mães, as filhas, as irmãs. Sempre outra mulher cuidando e acompanhando. O cuidado com tudo e todos é tanto que até mesmo entre a gente, seguimos apoiando, protegendo, cuidando.

A *efeito de companhia* foi fotografada na Ponte da Amizade, em um dia de muito calor na fronteira, duas mulheres, fazendo companhia uma para a outra em uma dinâmica comum na fronteira, cruzar a ponte para trabalho, estudo, compras, ter alguém junto para tornar mais suportável a rotina cansativa das múltiplas jornadas.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

passageira.substantivo feminino, 2022

Fotografia digital

Passageira.substantivo feminino representa a presença de mulheres no trânsito fronteiriço diário, rompendo e cruzando diversas fronteiras no cotidiano, a

composição fotográfica com os veículos de transportes, a mulher sentada na janela e a ausência das cores me traz um ar tipicamente fronteiriça. Onde as mulheres se fazem presentes dentro dessas especificidades dessa região.

Na paisagem fronteiriça, as vans de transporte entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, com certeza fazem parte da construção imagética da cidade. São vans que cruzam a fronteira diariamente, fazendo o transporte de centenas de pessoas no dia a dia das jornadas de trabalho e de estudos. O tempo de trabalho produtivo é contabilizado, mas também existe o tempo de descolamento entre os espaços das múltiplas jornadas.

A rotina cotidiana exige que muitas precisam cruzar a cidade, e até mesmo, cruzar a fronteira entre os dois países, para exercer as diferentes ocupações do dia. Há quem more em uma cidade, e cruze a outra para trabalhar/estudar, há quem estude em uma e trabalhe em outra.

Todo o tempo de deslocamento dentro das jornadas se quer é contabilizado também. O trânsito ao se deslocar para buscar a criança na escolinha ou na casa de algum familiar que cuida para que a mãe consiga trabalhar, o tempo entre a casa e o trabalho, tudo é tempo destinado para a dedicação da execução das múltiplas jornadas.

A fotografia abaixo, foi tirada no Terminal de Ônibus Urbano, levou o nome de *parada.pausa*, e nela é possível observar um ônibus que tem em sua lataria um reflexo de pessoas, e suas passageiras formando aglomeração para embarcar, depois de um certo tempo de espera por ele no terminal. Mas que ao mesmo tempo, a foto traz algum tipo de movimento. É também uma continuação do movimento e do trânsito que as mulheres fazem cotidianamente dentro das suas dinâmicas das jornadas de trabalho.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
parada.pausa, 2022
Fotografia digital



Maria Eduarda Balbinot (1998)
percorrer, 2022
Fotografia digital

É possível também observar a presença de mulheres construindo e fazendo parte de uma cidade em constante movimento, caminhando com sacolas de compra a caminho de, provavelmente, mais um turno de trabalho. *Percorrer* é sobre os caminhos a serem disputados para que a invisibilização de mulheres nas jornadas de trabalho se torne visível e valorizada.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
cuidado, 2022
Fotografia digital

Mesmo dentro dessa dinâmica de cidade em movimento e fronteira como território, é possível observar também o cuidado. As mulheres estão em constante trabalho do cuidado, cuidando umas das outras, cuidando de filhos, no cuidado com a casa, com as pessoas com quem se relaciona e cuidando da militância e vida política. *Cuidado* é o nome dessa fotografia. A presença de duas mulheres e uma criança no colo, dentro de um ônibus em movimento, me remete ao cuidado entre nós e entre mãe-filho. O cuidado é um espaço de presença majoritariamente feminina.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

transitórias, 2022

Fotografia digital

A relação em *transitórias* vem de uma sensação de que é algo que tem um tempo de duração determinado e pode também ser sinônimo de passageiras. A presença de sacolas nos remete a mercadorias, a relações comerciais fronteiriças, e novamente, mulheres acompanhadas por outras. A presença se dá nos espaços em que elas compartilham as rotinas e o preenchimento das estruturas como parte de complementação da foto. Como se as estruturas definissem o caminho e os próximos passos dali pra frente.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

transitar & cruzar, 2022

Fotografia digital

Transitar & cruzar é uma mãe acompanhada de seu filho cruzando a Ponte da Amizade, acompanhada por vontade ou por necessidade. A foto fala de um afeto, de um cuidado e companheirismo, mas não só. A distância proposital das pessoas retratadas faz com que as linhas das estruturas da ponte levem o olhar até elas. Tudo parece longe e o amparo vem da presença um do outro, mas não mostra nada a mais que isso. A foto com as estruturas, apesar de se tratar também da mobilidade, passagens e trânsitos, é também sobre durezas e imobilidades. Cenas cotidianas da fronteira revelam a dinâmica das jornadas das mulheres simplesmente porque retrata o real, as relações de trabalho, de cuidado, de movimento, da ausência das mulheres em determinados espaços e a presença delas no público.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

espera, 2022

Fotografia digital

A *espera* é em um fim de tarde qualquer na dinâmica das jornadas de trabalho dessas mulheres. É mais um dia na espera para chegar em casa e ter mais trabalho para fazer, ter mais pessoas que cuidar, ter mais responsabilidades para fazer, e só depois, se der tempo, pensar em descanso ou em se divertir. E nesse caso, a espera é também pelo ônibus depois de uma jornada cansativa de trabalho produtivo. A presença dos pontos de ônibus é majoritariamente feminina, mulheres que acabaram de sair das lojas da Vila Portes, o bairro mais próximo da fronteira com Paraguay. A espera é presença porque são elas que ocupam esses espaços. Chegar em casa é também se dar conta de que elas trabalham longas jornadas nos próprios empregos, para chegar em seu lar, e também seguir trabalhando longas jornadas em casa (hooks, 2020).



Maria Eduarda Balbinot (1998)
antes que históricas, 2019
 Fotografia digital & desenho digital



Maria Eduarda Balbinot (1998)
históricas, 2019
 Fotografia digital & desenho digital

A fronteira é também um território de lutas e memórias sociais, não seria diferente que mulheres também marcassem presença nessas dinâmicas. As jornadas de trabalho são múltiplas, mas se considerarmos perspectivas históricas do racismo, capitalismo, patriarcado, colonização e etc., pode adquirir uma nova carga a depender da diversidade e desigualdade das mulheres (SCHNEIDER, 2020). Dentre tantas jornadas, Elen Schneider (2020) pontua seis jornadas em que mulheres são submetidas 1) a reprodutiva e de cuidado; 2) a produtiva; **3) a militante e/ou política;** 4) a pedagógica; 5) a sexual e 6) a emocional.

A jornada militante é representada aqui por essas fotografias tiradas em 2019, em contextos de greve-geral em junho e em marcha das mulheres no dia 8 de março. Mulheres ocupando as ruas entendendo que o pessoal é político, e que precisamos sempre estar em vigilância e na luta por nossas corpos e territórios livres. E quando estamos nas ruas, reivindicando direitos, colocando nosso corpo político em espaços públicos é também para exigir mudanças sociais e lutas por sobrevivência.

Muitas mulheres sentiram, e ainda seguem sentindo, a necessidade de transformar parte de seus tempos em jornadas de luta, justamente para mudar as condições vividas em suas famílias, espaços laborais, comunidades, países. Demonstrou-se, em diferentes períodos da história, que o “pessoal é político”, “os corpos são políticos”, “os territórios são políticos” e que revolução se faz, fazendo. (SCHNEIDER, 2020. p. 34).

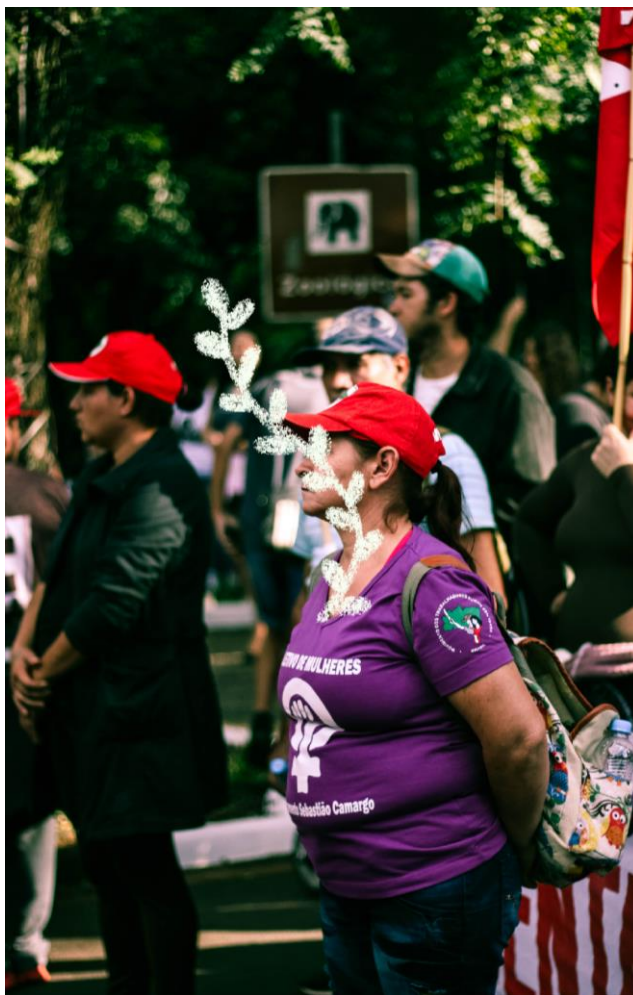
A presença aqui é literal. Elas se fazem presentes e são potências. As fotografias *antes que históricas*, e *históricas*, é sobre a presença das mulheres na construção de um mundo mais habitável. Utilizando de seus corpos-políticos para estarem nas ruas, fazendo também mais uma jornada de trabalho, a de militância. Ambas são fotografias de rua, documentais, e é um espaço em que eu me sinto confortável de estar com as câmeras na mão: fotografando manifestações sociais. Ao escolher essas fotos, levei em consideração a diversidade e a pluralidade do território de fronteira.

A edição por meio de desenhos digitais foi para preservar a identidade delas. Uma ganhou um pañuelo verde¹⁶, porque não queria perder o olhar de fúria, é representativo e carrega consigo a força e coragem. A outra, a feição com um leve sorriso contrasta, a ideia de tapar os olhos veio para permanecer o sorriso e o afeto mesmo nos espaços de luta.

A presença feminina em jornadas militantes é parte das jornadas de trabalho de mulheres da fronteira. A foto abaixo, chamada de *por nuestros territorios* também representa a presença de mulheres nas militâncias e lutas. Também foi tirada em 2019 no contexto da greve-geral em junho, onde militantes do Movimento Sem Terra - MST também estavam nas ruas. A escolha de um ramo de folhas como desenho digital é com referência à luta por terra e dignidade, onde essas mulheres são chave nas mobilizações e nas lutas por reforma agrária e soberania das terras.

Mobilização social e de luta são parte de um trabalho de militância, de reivindicação, de manutenção de direitos e resgate de memória e são espaços em que mulheres estão, dia após dia, na luta pela construção de um mundo antirracista, antipatriarcal, anticolonial e pela resistência de povos originários e trabalhadores da terra, com mais oportunidades, mais direitos, maior dignidade.

16 O pañuelo verde surgiu para representar a luta por aborto legal na Argentina, com a Campaña Nacional por el Derecho al Aborto Legal, Seguro y Gratuito e hoje é símbolo da luta pela legalização do aborto em todo o mundo. A luta é por autonomia sobre nossas terras e por nossos corpos, a emancipação é possível quando estamos no coletivo.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

por nuestros territorios, 2019

Fotografia digital & desenho digital

Os territórios da fronteira são ocupados por diversas sujeitas sociais invisibilizadas, que constroem e fazem parte da cidade. Foz do Iguaçu/PR é uma cidade turística, com um fluxo de pessoas de todos os cantos do mundo diariamente, a cidade tem um eixo turístico muito forte, então costumeiramente, o olhar sob a cidade é também um território de disputa. Precisamos construir outras narrativas visuais para além das belezas naturais e pontos turísticos, como forma de dar visibilidade para mulheres, dirigir nosso olhar para todas aquelas que produzem no dia a dia, sua força de trabalho no doméstico em troca apenas de exaustão e cansaço. A vida cotidiana dessas mulheres para o eixo turístico pouco importa se não for para elas ocuparem os lugares de limpeza, de cuidado, de manutenção da vida. Produzir imagens sobre o cotidiano das mulheres na fronteira é colocar elas em evidência, sujeitas invisibilizadas podendo se tornar visível por meio da fotografia.

4.3 MÃOS COMO FERRAMENTA



Maria Eduarda Balbinot (1998)
ato ou efeito de manter(-se), 2022
Fotografia digital

Neste subcapítulo, as *mãos como ferramenta* é a tentativa de trazer para o visual o principal instrumento de trabalho de muitas mulheres: as mãos. É com ela que elas cuidam, limpam, cozinham, passam roupa, organizam a casa, amam, trocam afetos, carícias, praticam o autocuidado, e no caso dessa série fotográfica, ainda utilizam para o trabalho produtivo, são artesãs.

Durante o trabalho de campo, me encontrei com Dona Elza e sua filha, Clara¹⁷, no espaço de trabalho delas para uma conversa sobre a rotina e a dinâmica das jornadas de trabalho, e também produzir fotografias das mãos trabalhadoras da fronteira. As duas trabalham com as mãos, uma é costureira e a outra é artista. A fotografia escolhida para compor a abertura deste subcapítulo, *ato ou efeito de manter(-se)*, é de um dos rituais diários de Dona Elza ao chegar no seu ateliê, é preciso limpar as ferramentas de trabalho e organizar o espaço para iniciar uma de suas múltiplas jornadas, a jornada produtiva.

A história de uma geração de artesãs e de trabalhos manuais e como funciona a dinâmica das múltiplas jornadas para elas é parte descritiva dessa série de fotografias intitulada “*mãos como ferramenta*” – de mudança social, de trabalho, de cuidado e de prazer. É *instrumento*.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
instrumento, 2022
Fotografia digital

Em meio ao trabalho de campo, utilizar de diferentes técnicas é uma boa ferramenta da pesquisadora para conseguir chegar em suas sujeitas sociais e no íntimo delas (GUBER, 2004). E foi por isso que, durante a sessão de fotos, onde

17 Ambos os nomes foram trocados para manter o anonimato dessas duas mulheres, Elza e Clara são nomes fictícios para se referir às duas mulheres que participaram dessa série fotográfica e da entrevista etnográfica, a mãe, costureira, e sua filha, artista.

fotografava elas trabalhando dentro da vivência cotidiana delas, íamos conversando sobre como era a rotina, sobre história de vida, sobre como o trabalho doméstico e do cuidado determina a organização do dia-a-dia delas. Sendo assim, a escolha metodológica da entrevista foi a etnográfica ou a não-estruturada. Porque é através das conversas da vida cotidiana, de maneira informal, de conversa, piada, comentários, é que o sentido da vida social se expressa (GUBER, 2019), com muita troca e uma escuta atenta. Onde é preciso ouvir o que as pessoas dizem, observar o que elas fazem, qual é o ambiente e quem são essas pessoas. Então, a entrevista aconteceu de forma natural, muito mais como uma conversa, do que uma sessão de perguntas e respostas. Ou seja, não segui nenhum roteiro pré-definido, a conversa foi fluindo de uma forma tranquila e no limite das mulheres envolvidas.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

cortar, 2022

Fotografia digital

A conversa começou de forma bastante natural, cheguei no ateliê de costura e esperei Dona Elza terminar de atender uma cliente de longa data para então iniciar as fotos e a nossa conversa. Ao explicar brevemente que eu estava fazendo um trabalho fotográfico para a conclusão de curso sobre o trabalho doméstico e o trabalho

de cuidado dentro das múltiplas jornadas de trabalho, Dona Elza abriu um sorriso e disse: “então você veio ao lugar certo, minha filha, por aqui sou eu quem faço tudo” e me contou brevemente sobre sua história, sua rotina de trabalho no ateliê costurando, sua rotina de trabalho doméstico não-remunerado e de cuidados que realiza em sua casa. Tudo isso enquanto cortava moldes de tecido branco para fazer uma calça, e ajustava e limpava a máquina de costura para começar a trabalhar. Foi nesse momento que a fotografia intitulada *cortar* foi clicada, ao cortar moldes para uma de suas produções do dia.

A história de Elza é também a realidade de muitas mulheres em Foz do Iguaçu. Ela tem 70 anos, é costureira, nascida no Paraguai, mas mora do lado brasileiro da fronteira desde seus 7 anos de idade, veio com a família no período de ditadura militar no país vizinho, buscando refúgio político e melhores condições de vida.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
reflexo da invisibilização, 2022
Fotografia digital

O *reflexo da invisibilização* atravessa a vida dessas mulheres desde sempre, migrantes, artesãs, trabalhadoras informais e as principais responsáveis pelo cuidado da família e pelo trabalho doméstico. O retrato de uma mulher, desfocada, refletida no espelho do ateliê, com parte de seu instrumento de trabalho, as linhas,

preenchendo e compondo a cena. O *reflexo* é sobre sujeitas invisibilizadas em todas as esferas de sua vida.

Dona Elza é uma entre quatro irmãos, é responsável pelo cuidado da família, realiza o trabalho de cuidado de seu pai, de 98 anos e faz parte da rede de apoio de sua filha, auxiliando em cuidados de sua neta. A costura faz parte de uma de suas jornadas de trabalho, a produtiva-remunerada. Ela chega todos os dias por volta das 5h da manhã no ateliê para começar sua rotina de trabalho remunerado, onde se sente à vontade entre pilhas de tecido, roupas e linhas há quase 50 anos.

Seu ateliê é uma casa de madeira aconchegante, onde divide a sala de trabalho com outra costureira, e no espaço ao lado, está a filha, artista visual, que ocupa o espaço e as paredes com quadros, pinturas e muita arte. É também o ateliê de trabalho dela. Dona Elza também é responsável pelo trabalho doméstico em sua casa, onde vive com seu pai e seu marido. E executa o trabalho de cuidado de seu pai, que aos 98 anos precisa de amparo, ajuda e companhia diariamente. O pai é sobrevivente da ditadura militar de Stroessner¹⁸, ditador do outro lado da margem do rio Paraná, no Paraguai.

O pai, sobrevivente da ditadura militar paraguaya, hoje vive com Elza e seu marido, em uma casa charmosa azul de madeira nas proximidades da margem brasileira do rio Paraná, próximo ao local de trabalho dela. O trabalho manual passou de geração em geração na família, que carrega em si o Paraguai, Brasil e Indonésia. O pai de Dona Elza também era costureiro, trabalhava com alfaiataria e foi assim que sobreviveu em Foz do Iguaçu assim que chegou com sua família. E hoje, há quase 50 anos, ela segue os passos e segue com o trabalho manual na família.

¹⁸ A ditadura militar no Paraguai durou 35 anos, e assim como todas as ditaduras militares da América Latina, deixou marcas profundas na história do país. Foi entre 1954 e 1989 em que o país foi alvo do ditador Alfredo Stroessner que perseguiu, torturou, prendeu e matou milhares de pessoas. Durante a ditadura stronista, mais de 19 mil pessoas foram presas, cerca de 3 mil pessoas exiladas, e segundo dados oficiais, mais de 20 mil pessoas foram torturadas e mais de 300 pessoas morreram ou desapareceram. Os números podem ser ainda maiores, já que um dos mecanismos de ditaduras militares é justamente a ocultação desses dados.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
mãos que pintam, 2022
Fotografia digital

Mãos que pintam é sobre também ser a ferramenta de trabalho de Clara, e as mãos como ferramentas passadas de geração em geração em sua família. São elas que dedicam horas da sua vida nos trabalhos manuais e artesanais, em condições de trabalho informal, sendo atravessadas por todas as dinâmicas das jornadas que sabemos que é cansativa, sufocante e desgastante. A fotografia retrata o começo do desenho criativo para a construção de um quadro, fala sobre preparação, desenvolvimento, produção, e fala sobre o sustento. O sustento financeiro e o sustento emocional, de produzir arte por sobrevivência, explorar e soltar tudo o que sente, como uma forma de um plano de fuga da terra e das outras obrigações do dia a dia.

Clara é artista visual, fruto e semente dessa geração da família com trabalhos manuais, é multiexperimentalista nas artes, designer gráfica, pintora e cultiva traços marcantes em sua arte e ao longo de sua jornada. Clara divide o espaço de trabalho também com sua casa, onde vive com seu companheiro e sua filha. O trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo se mesclam no dia a dia, não só pelo espaço compartilhado, mas porque essa é a rotina de milhares de mulheres.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

camaleões, 2022

Fotografia digital

A gente precisa se adaptar e readaptar milhares de vezes, como *camaleões*, uma jornada que sobrepõe a outra, o trabalho reprodutivo determina o produtivo e vice-versa. É necessário a adaptação em todos os meios, a sagacidade de estar em movimento.

O trabalho doméstico e de cuidados para essas duas mulheres fronteiriças é parte da vida cotidiana, passada de geração em geração. Uma família de mulheres que se dedicam a trabalhos manuais como forma de sustento, mas que o trabalho manual que elas executam vai além de costurar ou de pintar. É o principal instrumento

de trabalho delas nas atividades domésticas, no preparo de alimentos, no cuidado com familiares.

Se aproximava do horário de almoço enquanto eu ainda acompanhava a manhã da rotina de trabalho de Dona Elza, fotografando essa rotina e conversando para construir a entrevista etnográfica (GUBER, 2004), quando ela percebeu que já estava no horário de voltar para a casa, a poucos metros de seu local de trabalho, para cuidar e preparar o almoço para seu pai, para sua filha e neta.

As *linhas* na vida de Dona Elza são bem definidas se considerarmos seus carretéis de linhas, em que ela passa boa parte do seu dia imersa com eles. Mas as linhas de fronteira entre o trabalho doméstico e o trabalho produtivo não apenas se misturam, se embaraçam e dão um nó, como também é uma que determina a outra.



Maria Eduarda Balbinot (1998)

linhas, 2022

Fotografia digital

Dona Elza precisou deixar o trabalho para ir a sua casa fazer almoço para sua família, mas essa não havia sido sua primeira pausa no dia no trabalho para cumprir outro papel de trabalho em sua casa. Ela, diariamente, interrompe seu trabalho como costureira para ir exercer o trabalho de cuidado com seu pai, tarefas diárias dele como beber água, passar um tempo com ele bebendo tereré, alimentação, banho, limpeza, higiene dele e etc.

A dinâmica de trabalho das mulheres é quase sempre, uma condicionada pela outra. O trabalho doméstico não-remunerado e o trabalho do cuidado é o que organiza os demais trabalhos. E isso fica muito visível ao conversar com Dona Elza sobre a rotina dela. Todos os horários de trabalho, compromissos médicos, e até momentos que ela precisa tirar para cuidar de si mesma, é baseada no trabalho de cuidado e do doméstico. E essa é a realidade de muitas.



Maria Eduarda Balbinot (1998)
las manos de mi madre, 2022
Fotografia digital

Las manos de mi madre é a fotografia escolhida para finalizar essa série que expressa todo meu sentir em uma construção coletiva e de anos, cultivada durante os anos de graduação. Digo coletiva porque sou retalhos de todas as que cruzaram meu caminho e que de alguma forma, me ensinaram, me ajudaram a crescer, e a reconhecer meu olhar sensível.

A fotografia fala sobre o apoio, sobre a ajuda, sobre a união de mulheres e suas redes de apoio. As mãos como ferramenta de trabalho, de cuidado e do trabalho doméstico, aqui representadas formando uma torre, mas não de hierarquia, e sim de diálogo entre elas e sobreposição. As linhas de expressão das mãos também nos levam a lugares de memórias. Afinal, são quantas histórias, carinhos, afetos, memórias construídas e quanto trabalho já não foram feitas por essas mãos ao longo da existência delas.

As mãos, de alguma forma, sempre me representaram potência e movimento, poder registrar elas aqui, trabalhando junto com as dinâmicas de trabalho e o trabalho doméstico não-remunerado, conseguindo captar de diferentes formas mulheres que são invisibilizadas de diversas maneiras. Representa a força de todas essas mulheres, de todas as que vieram de lugares de ausências, de não-pertencimento, de não-corpo, de não-voz e sobreviveram. E por todas aquelas que já não estão. Que com muito ódio e muita fúria seguiram e seguem na luta, na desobediência, despatriarcalizando e rompendo com estruturas racistas, machistas e coloniais. Ainda temos muito pela frente, mas olhando para o caminho, já não somos ausência.

Las manos de mi madre
 Son como pájaros en el aire
 Historias de cocina
 Entre sus alas heridas de hambre.
 (...)

Las manos de mi madre
 Me representan un cielo abierto y un recuerdo añorado
 (...)

¿Cómo serán las manos del que las mueve

Gracias al odio?

– Mercedes Sosa, 1984

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Maria Eduarda Balbinot (1998)

vivas nos queremos, 2019

Fotografia digital

Iniciei esse trabalho com a seguinte pergunta de pesquisa: quais as dinâmicas cotidianas das jornadas de trabalho de mulheres trabalhadoras na fronteira Brasil x Paraguay (Foz do Iguaçu e Ciudad del Este) em especial quando se trata do trabalho doméstico não-remunerado?

O objetivo era compreender e observar quais eram as dinâmicas das jornadas de trabalho de mulheres na fronteira, e entender de que forma o trabalho doméstico não-remunerado organiza todas as outras jornadas de trabalho, e como todo esse processo era sentido para as mulheres. E de que forma os espaços de ausências são parte central também da dinâmica cotidiana das mulheres em suas múltiplas jornadas.

E para isso, foi preciso construir capítulos de cunho teórico, bibliográfico e conceitual, para entender as dimensões da divisão sexual.racial.social do trabalho e a forma como ela atua, como romper com a binaridade heterossexual em que a

divisão está inserida, e como funciona a divisão na raça e na classe. Conceitualizar as múltiplas jornadas de trabalho em que as mulheres são condicionadas, contabilizando as horas destinadas e quais são essas jornadas, para entender como o trabalho doméstico não-remunerado pauta as demais jornadas. Entendendo também de que forma a invisibilização do trabalho doméstico é parte de um processo de naturalização das desigualdades de gênero, passando pela economia do cuidado e como as mulheres estão sempre realizando algum tipo de trabalho.

O primeiro capítulo, foi fruto de uma pesquisa bibliográfica, sobre as múltiplas jornadas de trabalho e como a divisão sexual.racial.social do trabalho organiza as dinâmicas de jornadas. O primeiro ponto que foi discutido é que as mulheres são atravessadas não apenas por uma, mas por múltiplas jornadas de trabalho, porque são elas que estão à frente da organização da vida. Mostrou que as jornadas de trabalho atravessam a vida cotidiana de milhares de mulheres de diferentes formas, e que a demanda das jornadas de trabalho no doméstico são tantas, que o tempo de descanso, de cuidado de si, de lazer, acaba virando apenas uma continuação das jornadas. Mesmo sendo a base da manutenção da produção capitalista, o trabalho reprodutivo e as múltiplas jornadas não são consideradas dentro do ciclo capitalista de trabalho. Durante a pandemia de COVID-19, as jornadas e o trabalho doméstico não-remunerado foram impactadas, a sobrecarga de trabalho foi ainda maior no período.

Em relação a divisão sexual.racial.social do trabalho, organização que destina o lugar das mulheres dentro do espaço doméstico, ao longo do trabalho, foi discutido que ela não é apenas mediada e organizada pelo sexo biológico, mas também atravessada pela raça e pela classe social. Na tentativa de romper com o binarismo que entende que a divisão sexual é uma organização de homens x mulheres, também foi elaborado que se continuarmos tratando como um problema antagônico entre homens e mulheres, excluimos assim todas as dissidências de gênero, apagamos sexualidades e reforçamos a binaridade de um marcador universal que nem sempre dá conta da complexidade das relações sociais.

Depois de dialogar com as teorias das múltiplas jornadas e da divisão sexual.racial.social do trabalho, foi preciso no segundo capítulo, entender como o trabalho doméstico não-remunerado é essencial na discussão, porque é a principal jornada que mulheres enfrentam no dia a dia e pautam as demais, em meio a suas fronteiras frágeis com o trabalho remunerado. E assim, foi possível entender que as

fronteiras entre o trabalho assalariado e o doméstico não-remunerado são frágeis porque um não se dissocia do outro, inclusive, um pauta o outro. Entendendo a invisibilização social que o trabalho doméstico não-remunerado enfrenta, com suas múltiplas facetas e mecanismos de invisibilidade, como forma de apagamento das sujeitas responsáveis pelo trabalho doméstico não-remunerado.

Para então dialogar com a economia do cuidado, que atravessa distintas mulheres de diferentes formas, em como o trabalho do cuidado e da reprodução pauta a economia como um todo. São horas de vida dedicadas ao cuidado de outras pessoas, que as mulheres acabam negligenciando o cuidado com elas mesmas, por falta de tempo, falta de incentivo, a existência de outras prioridades dentro do trabalho doméstico e a culpabilização que atravessa as mulheres quando elas decidem fazer algo por elas mesmas.

Considerando a realidade de mulheres moradoras de uma cidade de fronteira Foz do Iguaçu/PR, com todas as especificidades que a região oferece. A fronteira é um espaço dinâmico e singular, que apresenta uma forte migração como forma de movimento entre as duas cidades fronteiriças, e entender essas dinâmicas é também entender o caráter informal e explorado que o trabalho assume.

O quarto e último capítulo, foi marcado pela construção fotográfica de uma série de fotografias denominadas *ausências-sentidas*, explorando o potencial analítico da fotografia dentro das Ciências Sociais. Em meio a cansativas e exaustivas jornadas de trabalho, as mulheres praticamente não tem momentos para si, para o descanso, para a diversão, autocuidado e etc. Elas precisam, o tempo todo, estar atentas e disponíveis para as demandas do trabalho de cuidado e do doméstico. Foi a partir dessa reflexão, que me ocorreu usar ausências-sentidas como forma de transformar as nuances dessa invisibilização que as responsáveis pelo cuidado e pelo trabalho doméstico enfrentam, para o visível da fotografia.

Realizei um trabalho de campo para capturar e documentar as dinâmicas da vida cotidiana das mulheres na fronteira, acompanhando alguns espaços de fluxos já conhecidos para conseguir fotografar essa relação entre doméstico e o público. Foi feita também uma entrevista etnográfica com a intenção de coletar maiores detalhes da rotina de vida de mulheres responsáveis pelo trabalho do cuidado. Essa série fotográfica foi uma tentativa de estampar em imagens as contradições sociais e políticas que mulheres enfrentam em diferentes espaços, no público e no privado, onde consegui transformar a ausência em presença por meio da fotografia.

A fotografia foi utilizada como base para a documentação da vida cotidiana de mulheres em seus locais de trabalho ou em deslocamentos pela cidade fronteiriça, com a tentativa de preencher os espaços de ausência que as múltiplas jornadas de trabalho abrem, e não fecham. Dividida em três partes, a série contou com mais de 30 fotografias espalhadas por esse trabalho. A ausência, a presença, e as mãos como ferramenta foram parte da construção dessa série, cada uma representando uma dinâmica em comum que pude reparar no trabalho de campo.

Nas ausências, foi possível perceber que as mulheres enfrentam dois tipos de ausência: a não-presença e pela presença não vista. Elas não estão em espaços de descanso e de lazer dentro de suas próprias casas, mas mesmo quando estão em trabalhos assalariados fora do doméstico, também enfrentam a dinâmica na presença não vista.

A parte da presença, foi marcada por fotografias de mulheres em seus fluxos das dinâmicas cotidianas de trabalho, de estudo, de deslocamento na fronteira, realizadas em três espaços centrais da cidade. Como resultado, as fotografias apresentaram diferentes tipos de presença, seja no trabalho informal, ou na presença de outras mulheres, acompanhando, em como as dinâmicas do cuidado afetam tanto as mulheres, que são elas quem cuidam de outras mulheres, seja acompanhando nos lugares, ou sendo rede de apoio. Foi possível entender os espaços em que a presença das mulheres é parte da paisagem, as dinâmicas em que elas estão inseridas, e em como as jornadas de trabalho é um espaço de presença feminina.

Em as mãos como ferramenta, foi uma tentativa de juntar o trabalho doméstico e de cuidado com o trabalho produtivo, por meio de uma questão em comum: o uso das mãos para executar o trabalho. A entrevista etnográfica também entrou aqui, em que foi possível entender e observar como eram as rotinas, quais são as histórias de vida por trás dessas mãos, e como o trabalho doméstico e do cuidado determina a organização da rotina cotidiana dessas mulheres. Foi possível então, entender como o trabalho doméstico e do cuidado fazem parte da vida cotidiana de mulheres, e entender na prática que as dinâmicas de trabalho das mulheres, é quase sempre, uma condicionada pela outra.

As fotografias aqui nesse trabalho serviram para responder a pergunta de pesquisa e para ilustrar as dinâmicas e jornadas de trabalho em que as mulheres fronteiriças são submetidas. Por hora, deixei de lado a literalidade do trabalho doméstico ser registrado sempre por uma vassoura, um rodo, um balde, a pia, o

tanque. Aqui a ideia foi ir além. Deixar de lado o que se espera de uma mulher, o lugar em que ela precisa estar para ser válido enquanto doméstico. Uma tentativa de ir além do óbvio quando se trata do assunto. Nessas fotografias, me importa mais a reflexão da ausência, da presença, em como as mãos são centrais para o trabalho doméstico e o trabalho do cuidado. É um convite para a reflexão do que a imagem pode nos causar para além do óbvio e do esperado.

Em síntese, este trabalho representa um esforço inicial na construção das reflexões das dinâmicas das jornadas de trabalho e a invisibilização do trabalho doméstico não-remunerado no cotidiano de mulheres na fronteira de Foz do Iguaçu/PR. Após revisão bibliográfica, trabalho de campo, entrevistas etnográficas e fotografias, foi possível perceber que as fronteiras entre as jornadas de trabalho são limites imaginários, já que é o trabalho doméstico e do cuidado que organiza as dinâmicas da vida cotidiana das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Clarissa Cecilia Ferreira. **O trabalho reprodutivo sob o capital: mulheres, classe e raça no trabalho doméstico e no cuidado**. Editora Letramento, 2021.

BIROLI, Flávia. **Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. Dados** [online]. 2016

CADÓ, Iriana. **Da produção à reprodução: um olhar do feminismo crítico para o trabalho das mulheres**. In: Os desafios do feminismo marxista na atualidade / Danilo Enrico Martuscelli (org.) 1. ed. Chapecó, Coleção marxismo21, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, 2003.

CURIEL, Ochy. **Crítica pós-colonial a partir das práticas políticas do feminismo antirracista**. In: Revista de Teoria da História - v.22, n.2, Bogotá, 2007.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Sociología de la imagen: ensayos**. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

DINIZ, Gláucia. **Mulher, trabalho e saúde mental. O trabalho enlouquece**, p. 105-138, 2004.

DORNA, Livia Borges Hoffmann. **O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID-19: mudanças e permanências**, *Laboreal* [Online], v.17 nº1, 2021.

FANON, Frantz. **Los condenados de la Tierra**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Editora UFBA, Salvador, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**, volume 1. Tradução: Heci Regina Candiani - São Paulo: Boitempo, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax - São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GOMES, Eduardo Alves, de AQUINO, Silvia Lima. **Da negação aos direitos à vulnerabilidade: o caso das domésticas paraguaias inseridas em Foz do Iguaçu (BR)**. *O Social em Questão* [en linea]. 2021

GOMES, Eduardo Alves. **Empregadas domésticas paraguaias inseridas em Foz do Iguaçu (BR): uma análise sobre a trajetória de vida e condições laborais**. - Foz do Iguaçu, 2019.

GOMES, Mayara Aparecida. **Divisão Interseccional do Trabalho – Por que ela é fundamental para o funcionamento do capitalismo dependente? Uma análise**

das condições de (re)produção da vida de mulheres negras brasileiras. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA, Foz do Iguaçu, 2018.

GOMES, Shana Fraga. **A CASA E O AMOR, impermanência, feminino e identidade em um ensaio fotográfico.** Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GUBER, Rosana. **El Salvaje metropolitano.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2004.

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad.** Siglo XXI Editores, 2019.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **A divisão sexual do trabalho revisitada.** In: As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho. Organizadoras: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena, Editora Senac - São Paulo, 2003.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

hooks, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 16, 2015.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho.** 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-generoresponsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: 02 jul. 2022.

JESUS, Jordana Cristina de. **Trabalho doméstico não remunerado no Brasil: uma análise de produção, consumo e transferência.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.** In: TEIXEIRA, Marilane Teixeira et alli (orgs). Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres. São Paulo: Coord. Especial de Mulheres, 2003.

MACHADO, Lia Osório. **Cidades na fronteira internacional: conceitos e tipologia.** II Conferência Internacional Desenvolvimento Urbano em Cidades de Fronteira. Foz do Iguaçu (PR), 2006

MALAVAR-FONSECA, Luisa Fernanda; SERRANO-CARDENAS, Lizeth Fernanda e CASTRO-SILVA, Hugo Fernando. **A pandemia de COVID-19 e o papel das mulheres na economia do cuidado na América Latina: uma revisão sistemática da literatura.** *estud.gerenc.* [online]. 2021.

MARX, Karl. **O Capital** - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

MEDEIROS, T. J. **Efeitos de Jornada de Trabalho, Habilidades Sociais e Gênero sobre o Equilíbrio Trabalho-Família** (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2018.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; ALVES, Júlia Sombergs; OVILEIRA, Renata Ghislendi, NATIVIDADE, Cláudia. **MULHERES EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ENSAIO TEÓRICO-POLÍTICO SOBRE A CASA E A GUERRA.** *Psicologia & Sociedade* [online]. 2020

OLIVEIRA, Miriam Márcia Pacheco de. **TERRITÓRIO, PATRIARCADO E PODER NA TRÍPLICE FRONTEIRA: O trabalho doméstico remunerado das mulheres paraguaias na cidade de Foz do Iguaçu.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia – Bacharelado) – Universidade Federal da Integração Latino – Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

OROZCO, Amaia Pérez. **Ameaça tormenta: a crise dos cuidados e a reorganização do sistema econômico.** In: FARIA, Nalu; MORENO, Renata (Orgs.). *Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia.* São Paulo: SOF, 2012.

PASSOS, R.G.; NOGUEIRA, C.M., **A DIVISÃO SOCIOSEXUAL E RACIAL DO TRABALHO NO CENÁRIO DE EPIDEMIA DO COVID-19: considerações a partir de Heleieth Saffioti,** *Caderno CRH* [online], v.33. 2020.

PIMENTA, Denise. **Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica.** *Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v. 8, p. 16-17, jan./jun. 2020.

POMBO, Mariana Ferreira. **Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual e de gênero: apostas feministas e queer.** In: *Periódicus, Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades.* n.7, v.1. Salvador, 2017.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá, 2007

RABOSSI, F. “**Como pensamos a Tríplice Fronteira?**” In: BÉLIVEAU, V. G.; MACAGNO, L.; MONTENEGRO, S. (orgs.). A Tríplice Fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais. Curitiba: EDUFPR, 2011, p. 39-62

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. **Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?** Dossiê Crítica Marxista, 11, 7175, 2000.

SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. **Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial**. , Rio de Janeiro, 2018.

SCHNEIDER, Élen Cristiane. **A violência das múltiplas jornadas de trabalho atribuídas às mulheres**. IN: Por Elas e por nossas lutas: igualdade e justiça nos debates de gênero e diversidade nas sociedades contemporâneas / Regiane Cristina Tonatto, Renata Peixoto de Oliveira (Organizadoras). 1. ed. - Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2020.

TONATTO, Regiane Cristina; OLIVEIRA, Renata Peixoto de (organizadoras). **Por Elas e por nossas lutas: igualdade e justiça nos debates de gênero e diversidade nas sociedades contemporâneas**. 1. ed. - Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2020.

ULRICH, Claudete Beise; LAPAZ, Nivia Ivette Núñez de; STRÖHER, Marga Janete. **MULHERES EM TEMPOS DE PANDEMIA: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino!**. Estudos Teológicos, [S.L.], v. 60, n. 2, 2020.

VALENZUELA, María Elena; SCURO, María Lucia; VACA TRIGO, Iliana. **Desigualdad, crisis de los cuidados y migración del trabajo doméstico remunerado en América Latina**, in: Asuntos de Género, N° 158 (LC/TS.2020/179), Santiago, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), 2020.